

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Thayná dos Santos Martinez

Competência Informacional na EJA: a influência da biblioteca Carla Timmers Dias
para os alunos do CMET Paulo Freire de Porto Alegre.

Porto Alegre

2018

Thayná dos Santos Martinez

Competência Informacional na EJA: a influência da biblioteca Carla Timmers Dias para os alunos do CMET Paulo Freire de Porto Alegre.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Alves

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice Reitor: Prof^a. Dr^a. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof^a. Dr^a. Karla Maria Müller

Vice Diretora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof^a. Dr^a. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Martinez, Thayná dos Santos

Competência informacional na EJA: a influência da biblioteca Carla Timmers Dias para os alunos do CMET Paulo Freire de Porto Alegre. / Thayná dos Santos Martinez. -- 2018. 75 f.

Orientador: Evandro Alves.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Competência Informacional. 2. Cidadania. 3. Educação de Jovens e Adultos. 4. Biblioteca Escolar. I. Alves, Evandro, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciência da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana

CEP: 90035-007 Porto Alegre RS

Tel.: (51) 3308 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Thayná dos Santos Martinez

**Competência Informacional na EJA: a influência da biblioteca Carla Timmers Dias
para os alunos do CMET Paulo Freire de Porto Alegre.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Biblioteconomia do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em _____ de _____ de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Evandro Alves
Faculdade de Educação – UFRGS
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Mielniczuk de Moura
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS
(examinadora)

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt
Faculdade de Educação – UFRGS
(examinador)

*Para Flávio e Mirian,
pelo amor, compreensão e empenho em
me fazerem um ser humano melhor.*

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e por toda bondade que Ele teve ao me conceder grandes realizações nesta vida. A graduação é uma delas.

Aos meus pais, Flávio e Mirian, as razões de eu nunca ter desistido. Obrigada por terem investido na minha educação, pelas palavras sábias, pelo colo nos momentos em que eu mais precisei. Obrigada por serem os melhores pais deste mundo, tudo o que eu conquisei devo ao amor, carinho e cuidado de vocês. Aos meus avós, Dorval e Eva que me fazem transbordar de amor, que cuidam de mim, e aos meus avós Vilmar e Elsa (em memória) que de longe ou de perto, sempre me apoiaram com todo amor em seus corações. Sou uma pessoa muito abençoada por ser neta de pessoas como vocês. Obrigada.

À Patrícia Villanova, pelo apoio desde que eu decidi que queria ser uma bibliotecária. À Lia Mara pelo carinho, à Aline Gama por ter sempre me encorajado e comemorado comigo cada conquista. À minha dinda Cláudia pelo amor e chimarrões compartilhados. Aos amigos queridos que compreenderam meus sumiços e ausências desde quando entrei na faculdade, e ainda assim compartilhavam sorrisos quando me viam. Vocês tornam a vida mais leve e fazem tudo valer a pena. Obrigada Thaís Medeiros, Lara Santos, Manoela Silveira, Kellen Peres, Jéssica Ribeiro, Aline Ferreira, Gabriele Viegas, Paloma Marques, Camila Teixeira, Maria Fernanda Soares e Fernanda Souza, amigas que fiz na faculdade, pelo companheirismo ao longo do curso.

Ao Evandro Alves por ter sido, além de meu orientador, um grande amigo, apoiador e incentivador. Desde o princípio me identifiquei com o bom humor que rondava os quatro cantos do LELIC. Obrigada.

Ao CMET Paulo Freire por ter me recebido de forma tão acolhedora. Às professoras Cíntia Zimpel e Christina Popovic pela participação e ajuda.

Por fim, mas não menos importante, ao meu grande amor, Rodrigo Savedra, que no bom sentido, bagunçou a minha vida e os meus dias. Eu amo você. Obrigada por ser quem você é, por me mostrar um mundo feliz e possível, por fazer diferença onde passa. Você é incrível.

*A leitura do mundo precede a
leitura da palavra.*

Paulo Freire

*É preciso que a leitura seja um
ato de amor.*

Paulo Freire

*Filho meu, se aceitares as
minhas palavras, e esconderes
contigo os meus mandamentos,
para fazeres o teu ouvido atento
à sabedoria; e inclinares o teu
coração ao entendimento; se
clamares por conhecimento, e
por inteligência alçares a tua
voz, se como a prata a buscares
e como a tesouros escondidos a
procurares, então entenderás o
temor do Senhor, e acharás o
conhecimento de Deus. Porque
o Senhor dá a sabedoria; da sua
boca é que vem o conhecimento
e o entendimento.*

Provérbios 2:1-6

RESUMO

Este trabalho busca analisar de que forma a Biblioteca Carla Timmers Dias, do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, influencia no desenvolvimento de competências e habilidades informacionais dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, bem como do desenvolvimento da consciência cidadã dos mesmos. O trabalho foi elaborado e analisado à luz da obra de Carol Kuhlthau. E para atingir os objetivos, a lista de habilidades de localização e interpretação foi utilizada para basear as questões levantadas no grupo focal realizado com duas turmas, T3 (que equivale à quarto e quinto ano do ensino básico regular) e T6 (que equivale à oitavo e nono ano do ensino básico regular) da modalidade EJA. Foi realizada também, uma entrevista com as responsáveis pela biblioteca, para verificar se as mesmas acreditam que a competência informacional faça diferença na vida dos alunos da educação de jovens e adultos. O estudo conclui que, mesmo com as limitações, os alunos das T3 e T6 do CMET Paulo Freire, possuem habilidades básicas e vitais para a utilização da biblioteca, e mesmo que as responsáveis pela biblioteca não sejam bibliotecárias, existem ações, oficinas e projetos que demonstram a preocupação em tornar o espaço atrativo e capaz de desenvolver ações de letramento informacional e de promoção da igualdade social e cidadania.

Palavras-chave: Competência Informacional; Educação de Jovens e Adultos; Biblioteca escolar; Cidadania; Letramento Informacional.

ABSTRACT

This work aims to analyze how the Carla Timmers Dias Library, of the Municipal Center for Education of Workers Paulo Freire, influences the development of skills and informational abilities of students of Youth and Adult Education, as well as the development of citizen awareness of them. The work was elaborated and analyzed in the light of the work of Carol Kuhlthau. To achieve the objectives, the list of localization and interpretation skills was used to base the questions raised in the focus group with two classes, T3 (which is equivalent to the fourth and fifth year of regular primary education) and T6 (which is equivalent to eighth and ninth year of regular primary education) of the EJA modality. An interview was also conducted with those responsible for the library to verify if they believe that informational competence makes a difference in the lives of students in the education of youth and adults. The study concludes that, even with the limitations, students of T3 and T6 of the CMET Paulo Freire, have basic and vital skills for the use of the library, and even if those responsible for the library are not librarians, there are actions, workshops and projects that demonstrate the concern to make space attractive and capable of developing literacy actions information and promotion of social equality and citizenship.

Keywords: Informational Competence; Youth and Adult Education; School Library; Citizenship; Information Literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire.....	19
Figura 2 – Entrada da biblioteca Carla Timmers Dias.....	20
Figura 3 – Local onde ficam estocados os itens de pouco ou nenhum uso, como enciclopédias, revistas e alguns materiais para atividades.....	20
Figura 4 – Livros que estão separados para o descarte.....	21
Figura 5 – Cartaz sobre a oficina de iniciação científica Aluno Pesquisador.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMET Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos

EJA Educação de jovens e adultos

FACED Faculdade de Educação

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	14
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo Geral.....	15
1.2.2 Objetivos Específicos.....	15
1.3 JUSTIFICATIVA.....	15
1.4 CONTEXTO DO ESTUDO.....	17
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	23
2.1 BIBLIOTECAS ESCOLARES.....	23
2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	25
2.3 A BIBLIOTECA ESCOLAR NA EJA.....	28
2.4 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL.....	32
2.5 LETRAMENTO INFORMACIONAL.....	35
3 METODOLOGIA.....	40
3.1 METODOLOGIA QUANTO A SUA NATUREZA.....	40
3.2 QUANTO A SUA ABORDAGEM.....	40
3.3 QUANTO AO OBJETIVO.....	40
3.4 UNIVERSO DA PESQUISA.....	41
3.5 SUJEITOS DO ESTUDO.....	41
3.6 INSTRUMENTO DA PRODUÇÃO DE DADOS.....	42
3.7 PROCEDIMENTO DA PRODUÇÃO DE DADOS.....	42
3.7.1 Grupo Focal.....	43
3.7.2 Procedimento da Análise dos Dados.....	45
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	47
4.1 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NA EJA.....	47
4.2 ANÁLISE DO GRUPO FOCAL A PARTIR DA OBRA DE KUHLTHAU.....	53
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO GRUPO FOCAL DE ACORDO COM KUHLTHAU.....	56
5 CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICE A – QUESTÕES APRESENTADAS ÀS RESPONSÁVEIS PELA BIBLIOTECA.....	72
APÊNDICE B – QUESTÕES AO GRUPO FOCAL (INSTRUMENTO DA PESQUISA).....	73
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	74

1 INTRODUÇÃO

Vivemos na sociedade da informação, onde tudo o que procuramos se encontra a um “clique” de distância. Uma simples pesquisa e o resultado é alarmante: uma enxurrada de resultados, alguns duvidosos, alguns que asseguram sua veracidade. Muitos disfarçados de verdade absoluta, muitos com dados alterados, e muitos mecanismos que mais atrapalham do que ajudam na hora da recuperação da informação.

Em um país em que a desigualdade social é gritante (estamos em décimo lugar no ranking de desigualdade social, perdendo por exemplo, para a África do Sul, Haiti, Colômbia e Paraguai)¹, vemos seus reflexos dessa desigualdade no acesso ao mundo da informação: ou sua inserção precoce ou a extrema dificuldade em conseguir ser proficiente em um mundo cada vez mais letrado e gerido por sistemas informacionais.

De um lado, crianças de classe social mais elevada já nos primeiros anos de vida sabem como utilizar *gadgets*, *tablets* e *smartphones*. De outro lado, jovens e adultos, normalmente de classes economicamente menos favorecidas não sabem ou tem dificuldade em escrever seu próprio nome, contar o troco no caixa do supermercado ou realizar operações básicas como ler placas e pagar contas sem auxílio. Se há dificuldade nestas operações do cotidiano, que dirá quando da entrada deste jovem e adulto em uma biblioteca escolar, na qual se deseja que ela ou ele localize um livro através do número de chamada autonomamente, ou tenha a consciência básica da ordem em que os exemplares se encontram nas prateleiras.

Este trabalho teve como motivação a visibilidade da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no âmbito das bibliotecas escolares, bem como da consciência da competência informacional dentro destes espaços, do reconhecimento do comportamento dos usuários, e de como a biblioteca escolar pode contribuir para o letramento, bem como para a construção da cidadania de seus usuários.

¹ Fonte: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>> Acesso em 09 jan 2018.

O *locus* da pesquisa é a biblioteca Carla Timmers Dias, situada no Centro Municipal de Educação de Trabalhadores Paulo Freire (CMET Paulo Freire), instituição vinculada à rede de educação do município de Porto Alegre. A escolha do local se dá pelo CMET Paulo Freire ser responsável por atender jovens e adultos trabalhadores que desejam dar prosseguimento e conclusão a seus estudos.

Os preceitos que orientam este trabalho são aspectos relacionados à competência informacional, de acordo com a obra elaborada por Carol Kuhlthau (2002). A competência informacional, em resumo, é um conjunto de habilidades cuja análise permite dimensionar tanto habilidades quanto necessidades informacionais dos usuários de uma biblioteca. Tal dimensionamento permite, em um segundo momento estabelecer formas pelas quais a biblioteca possa contribuir para o letramento informacional de seus usuários.

A educação de usuários, baseando-se no programa de atividades elaborado por Kuhlthau, é uma ferramenta adequada no que diz respeito às habilidades dos usuários. Pois, a partir do que se analisa no montante das competências dos alunos é que se elabora um programa de educação para que a biblioteca seja utilizada na sua totalidade, e para que os indivíduos tenham autonomia ao utilizar os mecanismos oferecidos pelo ambiente informacional.

O presente trabalho, portanto, busca analisar a forma em que a instituição e a biblioteca escolar podem contribuir para o letramento informacional de seus alunos.

1.1 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA

De que forma a biblioteca Carla Timmers Dias do CMET Paulo Freire contribui para a competência e o letramento informacional dos seus usuários?

1.2 OBJETIVOS

A consecução deste estudo está pautada nos objetivos descritos a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar de que forma a biblioteca escolar Carla Timmers Dias do CMET Paulo Freire contribui com a competência e o letramento informacional de seus usuários

1.2.2 Objetivos Específicos

A seguir estão elencados os objetivos específicos da pesquisa:

- a) Identificar como a biblioteca escolar em seu papel de agente integradora contribui para a competência e o letramento informacional dos alunos do CMET Paulo Freire;
- b) Averiguar quais ações elaboradas pela biblioteca contribuem para o desenvolvimento das competências informacionais a partir da teoria de Kuhlthau.
- c) Verificar se os/as responsáveis pela biblioteca do CMET reconhecem a importância da competência e do letramento informacional dos seus usuários;

1.3 JUSTIFICATIVA

Com este trabalho, espera-se contribuir com o avanço do estudo das competências informacionais no âmbito da EJA, contribuir com a visibilidade que este tema precisa ter, com foco no Centro Municipal de Ensino dos Trabalhadores Paulo Freire, levando em conta a individualidade da instituição, e dos métodos de trabalho utilizados pelos/as responsáveis pela biblioteca. Uma vez que cabe aos profissionais da informação elaborar e fazer uso das melhores alternativas para o letramento informacional, bem como do desenvolvimento da cidadania dos seus usuários e alunos, permitindo uma maior autonomia no uso dos sistemas e dos equipamentos dentro da biblioteca.

As ações que promovem e fomentam a competência informacional dos usuários serão visualizadas à luz do trabalho elaborado por Kuhlthau em sua obra “Como usar biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental” (KUHALTHAU, 2002). A teoria de Kuhlthau sobre a Competência Informacional e Literacia é extremamente respeitada e utilizada no meio das bibliotecas, e faz parte da formação dos bibliotecários e certamente ajuda a nortear diversos processos dentro do âmbito da biblioteca, incluindo a decisão de estabelecer um programa de educação de usuários.

Porém, ressalta-se que os estudos desenvolvidos por Kuhlthau falam de forma específica sobre crianças em idade escolar (de 4 a 17 anos, passando por todas as etapas da Educação Básica). Na Educação de Jovens e Adultos não se encontram muitos estudos acerca desse tema. Assim, por ser referência no tema bibliotecas escolares, a teoria de Kuhlthau sobre competência informacional foi utilizada como base para a discussão deste trabalho. Entretanto, embora sejam estudantes, estamos lidando com jovens e adultos, usuários de faixa etária e outra fase da vida que não crianças. Contribuir para que a competência informacional seja considerada em todas as modalidades de ensino, incluindo a EJA, é uma das motivações deste trabalho.

Assim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o diálogo entre os pressupostos da competência informacional e a modalidade EJA, buscando levantar especificidades para o desenvolvimento destas competências com pessoas jovens e adultas. Assim, uma das ambições deste trabalho é que as diretrizes traçadas pela competência informacional tragam melhorias para o trabalho das bibliotecas escolares na EJA, bem como sejam feitas reflexões sobre as especificidades que esse público traz para o planejamento do desenvolvimento de tal competência.

Outra contribuição que esta pesquisa pode vir a fazer é na própria área de bibliotecas escolares, pois, enfatiza a importância do conhecimento do comportamento informacional dos usuários, levando em consideração que uma biblioteca que não conhece seus usuários tem muito mais a perder do que a ganhar, deixando em voga também a importância da biblioteca escolar, uma vez que

Quando a porta da biblioteca fecha, ela priva o cidadão do direito à informação e à leitura. E o mais triste é quando ela se fecha para uma comunidade, **pois um povo que não tem acesso à informação vai perdendo os seus objetivos e significados de vida.** (MORO et al., 2011, grifo nosso).

E tendo a noção de que as motivações que levam os adultos a voltarem a estudar são diversas, contribuir para que a área de bibliotecas escolares cresça é permitir não só que a biblioteca esteja preparada para receber estes alunos, mas também permitir que estes tenham o melhor acesso à informação, fortalecendo os objetivos e significados de vida. É uma biblioteca de portas abertas, e pronta para melhor atender fomenta a ida dos alunos para a biblioteca, uma vez que são reconhecidas as suas habilidades informacionais.

1.4 CONTEXTO DO ESTUDO

O contexto do estudo é o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, que se localiza na rua Santa Terezinha, 572 no bairro Santana em Porto Alegre. A instituição é mantida pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação. Portanto, o CMET Paulo Freire é uma instituição pública, laica e gratuita. A instituição existe para jovens e adultos trabalhadores, oferecendo na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) o Ensino Fundamental. O CMET Paulo Freire atua com trabalhadores, jovens a partir de 15 anos, adultos, pessoas com necessidades educacionais especiais e idosos.

O Ensino Fundamental na modalidade de EJA do CMET Paulo Freire se organiza em seis Totalidades de conhecimento e no desenvolvimento de cursos e oficinas. O currículo é dividido em Totalidades Iniciais (T1, T2, T3) e Totalidades Finais (T4, T5 e T6). As oficinas e cursos oferecidos contemplam as diversas linguagens (artes, corporeidade, diversas culturas), o desenvolvimento de projetos voltados ao trabalho, visam à geração de renda, à economia solidária e sustentável, garantem o acesso, a democratização e o domínio das tecnologias das tecnologias da informação.

A instituição tem seu funcionamento nos três turnos: manhã, tarde e noite, e nos interturnos da manhã e da tarde. Os horários são distribuídos de tal forma: manhã – 8h às 12h, interturno da tarde – 12h30 às 13h30, tarde - 13h45 às 17h45, interturno da tarde – 17h45 às 19h, noite – 18h30 às 22h30. Nos horários de interturnos é que são ministradas as oficinas, cursos, atendimentos, laboratório de aprendizagem e psicopedagogia.

A escola é uma das primeiras do município a contar com três turnos na modalidade EJA, pois na maioria das escolas são ofertadas aulas apenas durante a noite, não contemplando a todas as necessidades e todos os turnos de seus alunos. A biblioteca da instituição, chamada Carla Timmers Dias em homenagem à uma professora da instituição que veio a falecer muito jovem, também é referência, pois a escola teve seu início no final da década de oitenta, e constituiu seu acervo desde lá, apesar das mudanças de espaço. As obras são passíveis de empréstimo para a comunidade, e em seu acervo existem obras de referência sobre a Educação de Jovens e Adultos, bem como obras do escritor e pedagogo Paulo Freire. A biblioteca, porém, não costuma abrir durante a noite, então comunidade e alunos tem acesso ao espaço somente em casos especiais como atividades direcionadas por professoras ou eventos que envolvam o uso do local. A escola também conta com alunos com deficiência visual, e para isso possui um acervo de livros em braile. Eles não estão localizados na biblioteca, mas sim em um espaço onde estes alunos frequentam mais. Para melhor compreensão dos passos dados pela escola, a seguir será apresentado um breve histórico da instituição.

O CMET Paulo Freire teve seu início em 1989², com quatro salas de aula funcionando nos três turnos, nos altos do mercado público. Em 1990, o Mercado Público foi reformado, e o CMET Paulo Freire lutava pela conquista de um espaço. Naquela época, alunos e professores acamparam na Prefeitura e, para resolver o problema, muitos espaços foram cedidos: desde salas no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) nos turnos de manhã e tarde (durante os anos 1991, 1992 e 1993), até a Câmara de Vereadores (que funcionava durante a noite no ano de 1991), passando pelas salas na Cia União de Seguros (1991

² Informações extraídas do Projeto Político Pedagógico da instituição. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/material/PPP.pdf>> . Acesso em 28 mai 2018.

até 1995), onde, além da comunidade de Porto Alegre, também haviam funcionários desta companhia que não possuíam escolaridade. Estando também na Faculdade de Educação da UFRGS (no turno da noite, depois das 20h, entre 1992 e 1993), até o aluguel das salas na General Vitorino, e o empréstimo das salas da Escola Porto Alegre (EPA) (com turmas finais à noite, de 1995 à 1999) e, depois, no prédio conquistado via Orçamento Participativo (OP) em 2000, na jura Jerônimo Coelho, 254. Por fim, em 2012, o CMET mudou para a Rua Santa Teresinha 572, no Bairro Santana, onde está até hoje em pleno funcionamento de suas atividades.

Figura 1 – Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire



Fonte: o autor

Nos turnos de manhã e tarde, o número de jovens de quinze a dezenove anos e de idosos a partir de sessenta anos são a maioria. Já no turno da noite, os adultos acima de 21 anos a 50 anos compõem a maior parte. O CMET além de atender jovens e adultos trabalhadores também conta com mais de 200 alunos matriculados (nos três turnos) no Ensino fundamental e que possuem deficiência intelectual. Na biblioteca é possível observar o engajamento dos alunos na procura dos livros, auxiliados pelas professoras Cíntia Zimpel e Christina Popovic.

Figura 2 – Entrada da biblioteca Carla Timmers Dias



Fonte: o autor

A biblioteca aceita doações, e vem construindo seu acervo há 28 anos. Muitos itens possuem informações defasadas, como as enciclopédias e revistas que possuem apenas 4 anos de validade e estão estocadas no espaço. Com o excesso de materiais a biblioteca precisa constantemente separar os itens que não estão sendo utilizados, ou que estão em más condições de uso, para tentar descartá-los de maneira adequada. A biblioteca atualmente está trabalhando na retirada dos tomos dos livros que não estão mais disponíveis no acervo e que serão encaminhados para o banco de livros, ou, os que se encontram em boas condições são repassados para outras bibliotecas que venham a necessitar.

Figura 3 – Local onde ficam estocados os itens de pouco ou nenhum uso, como enciclopédias, revistas e alguns materiais para atividades.



Fonte: o autor

Figura 4 – Livros que estão separados para o descarte



Fonte: o autor

Anualmente a biblioteca participa do programa “Adote um escritor”, onde um escritor ou escritora vai até a escola, e seus livros e histórias são apresentados através de um bate-papo. Eventualmente, em um dos anos a biblioteca não obteve recurso para realizar o programa, e acabou participando do momento na biblioteca Josué Guimarães, que é grande parceira da escola. A escola, professores e alunos também trabalham com minicontos, tratando deles em sala de aula, no ambiente da biblioteca e colando os contos nas paredes da escola juntamente com ilustrações dos próprios alunos para chamar atenção. A biblioteca ainda possui uma página no *facebook* chamada “Clube de Leitura”³ onde as professoras responsáveis pela biblioteca atualizam as informações com a chegada de novos livros, com as atividades que aconteceram na semana, destaques de alunos leitores e diversas outras informações sobre a rotina da biblioteca.

³ Página do facebook “Clube de Leitura”. Disponível em <https://www.facebook.com/clubedeleitracmet/> Acesso em 24 mai 2018.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura utilizada neste trabalho tem como temas centrais: bibliotecas escolares, educação de jovens e adultos, biblioteca na EJA e competência informacional. De forma específica, se encontram pautados os tópicos para abordar as principais características de cada tema, sempre mantendo o foco na educação de jovens e adultos e na competência e letramento informacional dos estudantes desta modalidade de ensino e seu ambiente escolar. Além disso, traz informações sobre o trabalho da autora Carol Kulhthau, bem como seu programa de atividades para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de habilidades informacionais na biblioteca escolar.

2.1 BIBLIOTECAS ESCOLARES

As bibliotecas escolares, além do papel de local para leituras e pesquisa, deveria ser acima de tudo, um local para troca de experiências e aprendizados. Educadores, bibliotecários e educandos se beneficiariam de uma relação mais próxima, com diálogo e diversidade de opiniões, pois, essa relação resultaria na criação de uma “equipe” de trabalho focada no crescimento, treinamentos e educação informacional de seus alunos e usuários. Macedo (2005, p. 172) afirma que

[...] no tocante aos mediadores da informação escolar, ambos os atores da biblioteca escolar - professores e bibliotecários -, na verdade, se trabalhassem interdisciplinarmente, poderiam formar uma equipe desejável para esse fim. Entende-se, pois, que as duas categorias deveriam se apropriar de conhecimentos e treinamentos específicos da respectiva área interface.

Segundo Macedo (2005, p. 47), a biblioteca é um ambiente de fundamental importância pois, “é o coração da escola, concedendo vida à comunidade escolar, uma vez que permanece em constante sintonia com o processo pedagógico.” Processo pedagógico este, que busca não apenas agir no cognitivo de cada aluno, mas de influenciar e educar cidadãos com

consciência. A biblioteca é importante porque “bibliotecas fechadas ou ‘semi-abertas’ representam sempre menos consciência cívica e social dos nossos cidadãos.” (MACEDO, 2005, p. 47). E como função de uma biblioteca escolar, de fomentar a busca à informação, de prevenir que os cidadãos se tornem alienados e alimentem um senso crítico é que sua importância é reafirmada.

E como não citar o profissional que mantém a biblioteca em funcionamento, cujo trabalho é justamente o de reconhecer seus usuários e necessidades, e adequar o acervo para atender as lacunas informacionais de seus usuários: o bibliotecário. A atuação dentro da instituição precisa fundamentar-se numa consciência da realidade ao redor. Macedo ainda traz que

Seja ele bibliotecário especializado ou não, sua atuação dentro da instituição de ensino dependerá de sua postura e consciência cidadã. Cabe a esse profissional gerenciar com habilidade o espaço privilegiado da escola, transformando a biblioteca num local de encontro entre a alegria de ler e o questionamento em torno do que se quer aprender. Nossas bibliotecas escolares necessitam de mudanças que as agilizem e que as integrem ao processo pedagógico. Infelizmente, as decisões hierárquicas, de cima para baixo, nem sempre vêm ao encontro das necessidades da sociedade. (MACEDO, 2005, p. 49)

Quando falamos de bibliotecas escolares, do papel do bibliotecário ou até mesmo de educação, há um ponto que sempre acaba sendo citado: a cidadania. Não por acaso, pois quando existe a consciência da sociedade em que vivemos, quando compreendemos melhor nosso papel como indivíduo no meio social, conseguimos qualificar nossa cidadania. A educação prepara (ou deveria preparar) o aluno para o exercício da cidadania, e a biblioteca é (ou deveria ser) um espaço privilegiado para esse exercício. “As três responsabilidades básicas da educação em uma sociedade democrática são: preparar o estudante para o mercado de trabalho, para exercer a cidadania e para a vida cotidiana.” (KUHLETHAU, 1999, p. 9)

Outro ponto importante de discutir quando falamos de bibliotecas escolares, é o fato de ser importante o bibliotecário estar inserido no processo pedagógico da instituição. Um bibliotecário que não participa destes processos

tão importantes para o enriquecimento dos alunos, acaba privando seus usuários de acessar a informação mais adequada, de utilizar a biblioteca e aproveitar em sua totalidade o ambiente, o acervo e os equipamentos que lá estão. “O profissional distante do processo pedagógico, não participante da vida escolar, transforma a biblioteca em mais uma sala e o educando num leitor solitário.” (MACEDO, 2005, p. 49)

A biblioteca tem o compromisso de preparar o aluno para utilizar a informação na sua totalidade, e de forma aplicável ao contexto em que ele está inserido ou do qual ele precisa utilizar o que recuperou. Na Educação de Jovens e Adultos não seria diferente. No tópico a seguir, será discutido um pouco mais do panorama da EJA no Brasil.

2.2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de Jovens e Adultos, no Brasil, se estabeleceu como tema de política educacional sobretudo a partir dos anos 1940, porém, desde o ano de 1934, em sua pouco duradoura Constituição de 34, já se mencionava em textos normativos anteriores a necessidade de oferecer educação aos adultos. Mas é na década seguinte que a preocupação com a educação se instaurou de fato, ao ressaltar os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola. Essa tendência se expressou em diversas ações e programas governamentais, nos anos 1940 e 1950, além de iniciativas nos níveis estadual e local. (PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 64)

Segundo Pierro, Joia e Ribeiro a educação de jovens e adultos

É um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar. (2001, p. 58)

Ou seja, a educação não se resume somente aos processos cognitivos de aprendizagem de matérias básicas, mas abrange também lições que podem ser levadas para a vida do indivíduo, e normalmente a volta aos estudos se dá por diversos motivos, pois

Sujeitos que há anos pararam de estudar por diversos motivos, retornam à sala de aula, sendo por vontade própria, ou por 'determinação' do mercado de trabalho turbulento dos tempos atuais. Cada sujeito teve um motivo próprio para parar de estudar, e possui um motivo tão próprio para retornar. (BALSANELLI, 2012).

A educação de jovens e adultos contempla a quem, em algum momento de sua vida, teve a educação formal interrompida. O retorno à escola é motivado por inúmeros fatores, dentre os quais podemos citar a vontade de aprender e a de crescer intelectualmente para se adequar ao que demanda o mundo do trabalho. Independente do motivo, do fator e da condição que trouxe o sujeito de volta à escola, todos tem o direito de estudar e tem a sua educação endossada pela Constituição Federal de 1988, artigo 208, que assegura a educação obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, **assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.** (BRASIL, 2016, grifo nosso).

Apesar de Pierro, Joia e Ribeiro citarem que a EJA

Trata-se, de fato, de um campo pedagógico fronteiro, que bem poderia ser aproveitado como terreno fértil para a inovação prática e teórica. Quando se adotam concepções mais restritivas sobre o fenômeno educativo, entretanto, o lugar da educação de jovens e adultos pode ser entendido como marginal ou secundário, sem maior interesse do ponto de vista da formulação política e da reflexão pedagógica. Quando, pelo contrário, a abordagem do fenômeno educativo é ampla e sistêmica, a educação de jovens e adultos é necessariamente considerada como parte integrante da história da educação em nosso país, como uma das arenas importantes onde vêm

se empreendendo esforços para a democratização do acesso ao conhecimento. (2001, p. 58)

É importante ressaltar que mesmo que a educação de jovens e adultos possua diferenças que devem ser colocadas sob uma luz diferente e que necessita de um olhar mais atento e de estratégias diferenciadas, ela é classificada como educação básica regular segundo o artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases 9394/1996, que diz que a EJA consta como parte integrante da Educação Básica, e assim como a educação regular, deve contar com acesso a todos os ambientes da escola, dentre eles a biblioteca. Portanto, mesmo que essa modalidade de ensino não seja contemplada com a atenção necessária que precisa, ela ainda faz parte da educação regular e deve contar com todos os aparatos sem distinção.

Embora não haja menção direta à biblioteca escolar e sua utilização, as Diretrizes Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000), ao estabelecer as funções da modalidade de ensino, contribuem para a reflexão sobre o papel da biblioteca escolar neste contexto. Segundo o Parecer, as funções da EJA seriam:

Reparadora, na medida em que a EJA deveria se configurar como uma reparação social do Estado perante aqueles que não tiveram garantido seu direito à Educação e de conclusão dos estudos no tempo determinado pela legislação como de “escolaridade obrigatória”.

Equalizadora, conforme o entendimento de que a modalidade Educação de Jovens e Adultos não deve ser um estudo “apressado” ou “superficial” dos conteúdos escolares. Trata-se sim de uma outra abordagem dos conteúdos trabalhados na Educação Básica, mas de forma condizente à situação e fase da vida em que o estudante jovem e adulto se encontra. Em outro patamar, o certificado da Educação de Jovens e Adultos não deve ser visto como sendo de “segunda categoria”, devendo esta certificação atestar a igualdade de condições entre aqueles que se formam na EJA e aqueles que terminaram seus estudos no período da “escolaridade obrigatória”, idealizado pela legislação educacional,

Qualificadora, considerada pelo parecer o próprio “sentido” da Educação de Jovens e Adultos. Diz respeito a possibilidade de continuar participando de

processos educativos, em espaços escolares ou não escolares, ao longo da vida, direcionando os esforços da modalidade para uma “educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade” (BRASIL, 2000, p. 10), destinada a assegurar o desenvolvimento do potencial humano.

Desta maneira, pensando a biblioteca escolar segundo as funções da EJA (BRASIL, 2000), ela teria de voltar seus esforços para:

1) **A reparação da dívida social** que o Estado brasileiro tem com a não garantia de desenvolvimento de competências informacionais numa sociedade cada vez mais calcada na língua escrita e sustentada por sistema de informações.

2) **Equalizar o processo de apropriação das habilidades no uso da biblioteca** de maneira não “apressada” ou “superficial”, mas de forma que não haja uma distinção dessa apropriação desenvolvida por estudantes da EJA e por aqueles ingressos na “escolaridade obrigatória”.

3) **Qualificar o registro de cidadania dos estudantes da EJA**, fazendo com que as competências informacionais façam sentido no cotidiano desses estudantes, possibilitando o desenvolvimento de seus potenciais humanos não somente dentro de um ambiente informacional, mas no seu dia a dia.

Outros detalhamentos sobre a biblioteca escola na EJA encontram-se descritos na próxima seção.

2.3 A BIBLIOTECA ESCOLAR NA EJA

A EJA, como qualquer modalidade de ensino, tem assegurado o direito de uso da biblioteca, e assim como as outras modalidades de ensino, exige certa atenção voltada às necessidades de seus usuários. Quando se fala de bibliotecas escolares, pouquíssimas são as vezes que este termo remete à modalidade de ensino de Jovens e Adultos. Muitas vezes biblioteca escolar remete a crianças, séries iniciais, livros ilustrados, hora do conto e alfabetização. E a biblioteca escolar na EJA também pode remeter a isso, series iniciais, livros com ilustrações, hora do conto e alfabetização; se levarmos em conta que jovens

e adultos aprendem de forma diferente em comparação com as crianças em fase de letramento.

Como Paulo Freire (1989, p. 18) afirma, a prática democrática e crítica da leitura do mundo e a leitura da palavra estão juntas de forma dinâmica. A leitura e a escrita se dão a partir de palavras e temas que sejam significativos à experiência comum dos alfabetizandos, e não de palavras e temas que estejam ligados à experiência do educador. A leitura da realidade, contudo, não deve ser uma repetição mecanizada e memorizada da nossa maneira de ler a realidade. Se assim fosse, estaríamos caindo em uma espécie de autoritarismo. Autoritarismo esse, que não permite ao educando ter sua própria visão e leitura de mundo, resumindo o que o aluno lê e consome às experiências e desejos do educador, privando os alunos de pensarem criticamente, ou de produzirem uma visão pessoal do que veem no mundo, da forma que leem o mundo. Isso além de privar essa “leitura” do aluno, acaba o privando de exercer seu papel como cidadão questionador e ativo na sociedade. Quando não permitimos essa liberdade estamos desvalorizando o papel que a EJA possui, de letrar seus alunos, de instiga-los a pensar criticamente, de prepara-los para viver no mundo lá fora.

Diversas literaturas sobre biblioteca escolar, ou acabam abordando de forma rápida a educação de jovens e adultos, ou sequer a abordam. Conforme Vilela (2009, p. 15) afirma,

A situação se mostra ainda mais grave se verificarmos que a Educação de Jovens e Adultos apresenta uma história de lutas, conflitos e lacunas, fato também presente como um todo na educação nacional. A situação das Bibliotecas Escolares também se mostra problemática, existindo em muitos casos, como mero depósito de livros.

A biblioteca, em muitas escolas, se tornou um espaço onde os livros ficam estocados e apenas eventualmente utilizados. Com a falta de valorização da biblioteca escolar, vem a falta de valorização das mais diversas modalidades de ensino. Pois, não são pensadas ações ou intervenções que possam ser executadas para compreender as urgências e necessidades tanto do ambiente informacional, quanto dos usuários que o utilizam. Avila (2012, p. 51) afirma que

Por conseguinte, diante de tantas complexidades e urgências a Biblioteca Escolar deve contribuir com a educação de âmbito geral, especificamente com a educação de jovens e adultos (EJA). Ou seja, para atender ao público da EJA, a biblioteca, seja ela pública ou escolar, deveria se ater ao perfil dos alunos, diante de todas as suas especificidades.

O censo escolar de educação básica de 2017⁴ (resultados preliminares) afirma que existem 1.824.451 alunos matriculados no ensino fundamental da modalidade de EJA presencial em unidades estaduais e municipais em todo o Brasil. Já as matrículas no ensino médio da modalidade EJA presencial, também nas unidades estaduais e municipais, resultam em aproximadamente 1.033.694 alunos. Assim, o número de alunos da EJA na Educação Básica, é de 2.858.145. **Em contrapartida**, numa população estimada de 208,5 milhões de habitantes⁵, existem 13 milhões de analfabetos⁶, número muito maior que os 2,8 milhões que estão matriculados em toda a Educação Básica na modalidade. Ou seja, o número de pessoas que chegam à porta da escola e pedem uma vaga na EJA é muito menor que o número de pessoas que poderiam exercer seu direito à Educação. Tão preocupante quanto a não procura pela EJA por parte de quem a ela tem direito, são os altos índices de evasão ao longo do ano daqueles que realizam a matrícula na escola.

De acordo com França (2015) alguns dos principais motivos para a evasão dos alunos da EJA é a **falta de investimento na estrutura pedagógica da educação de jovens e adultos**, o **não acesso ao livro didático da EJA adequado a realidade dos alunos**, o **cansaço do trabalho**, a **autoestima baixa** (em função do aluno perceber a sua dificuldade no processo de ensino, além do fator anterior, o cansaço.), e os **problemas familiares**. Estes diversos

⁴ Fonte: INEP MEC. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf> Acesso em 08 jan 2018.

⁵ Fonte: IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novportal/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?&t=destaques>>. Acesso em 12 jan 2018.

⁶ Fonte: G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-tem-13-milhoes-de-analfabetos-e-nao-consegue-reducao-ha-tres-anos-diz-unesco.ghtml>> Acesso em 13 jan 2018.

fatores podem influenciar negativamente o processo de aprendizagem dos alunos, acarretando o abandono da escola.

Por isso, é importante pensar a ação do bibliotecário de forma que a biblioteca seja muito além de um depósito de livros, seja um ambiente que incentive, junto a outros existentes na escola, a permanência do estudante. Neste sentido, é importante promover ações que façam com que os alunos queiram continuar frequentando o ambiente, contribuindo para sua permanência na escola. O diálogo professor-bibliotecário é extremamente necessário neste quesito, pois somente com a consonância das duas partes é que os usuários serão de fato valorizados.

Inclusive, este ponto de que professor e bibliotecário precisam trabalhar em conjunto consta no manifesto da IFLA/UNESCO,

Está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação. (IFLA, 1999)

O cumprimento do dever do bibliotecário ao permitir que seus usuários se sintam livres, tenham habilidades exercitadas e criadas, bem como permitir que estes sejam autônomos nas suas pesquisas, decisões e preferências, é fazer com que o aluno se sinta integrante na sociedade, com voz e vez, e saiba se comportar de acordo com a sua consciência da cidadania.

Paulo Freire, ao se debruçar sobre bibliotecas escolares e alfabetização de adultos foca em pontos muito importantes, como ditos na sua fala no texto “a importância do ato de ler”

Falar de alfabetização de adultos e de bibliotecas populares é falar, entre muitos outros, do problema da leitura e da escrita. Não da leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicasse uma outra leitura, prévia e concomitante àquela, a leitura da realidade da mesma. A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca. (FREIRE, 1989, p. 16)

Uma biblioteca que acolha também a modalidade EJA, precisa estar sempre com uma compreensão crítica do mundo, da realidade em que a educação de jovens e adultos se encontra, das demandas que o mundo do trabalho exige. Antes mesmo de ensinar a pegar um livro qualquer e sair lendo, a biblioteca precisa instigar o aluno a ler o mundo ao seu redor. Em relação ao papel de compreensão crítica da biblioteca, é que podemos falar do papel que a mesma possui, que é o de fomentar ações que promovam o devido letramento informacional de seus usuários.

A biblioteca escolar, ao preparar o estudante para o mercado de trabalho precisa levar em consideração que o trabalhador precisa de um alto nível de competência e de habilidade para se adaptar aos ambientes que passam por constantes mudanças e adaptações. A preparação do estudante para a cidadania precisa considerar as maneiras pelas quais a tecnologia muda o senso de comunidade do indivíduo. A preparação de estudantes para a vida cotidiana deve considerar as formas pelas quais a tecnologia aumenta a complexidade da vida ao desencadear questões problemáticas sobre como o indivíduo alcança um sentido de si mesmo em relação aos outros e desenvolve criatividade e satisfação pessoal. Essas três responsabilidades da biblioteca escolar, exige que a pessoa seja alfabetizada em informação, que possua habilidade para utilizar a tecnologia da informação de forma competente e inteligente. (KUHLTHAU, 1999, p. 9)

O papel da biblioteca escolar vai muito além de um mero empréstimo de livros e contação de histórias, ainda mais quando se trata de uma biblioteca de uma escola de Educação de Jovens e adultos. A cidadania fica em voga nestas circunstâncias, pois, ao tratar de jovens e adultos, a biblioteca através da informação precisa reafirmar as capacidades de seus alunos, para que eles estejam preparados para lidar com todos os tipos de informação que venham a lidar no mundo do trabalho. A escola, em conjunto com a biblioteca precisa incentivar as habilidades e competências informacionais de seus alunos.

2.4 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

A competência informacional é caracterizada pelas habilidades que as pessoas possuem de usar o ambiente da biblioteca com autonomia, dominando a capacidade de localizar itens no acervo, utilizar a informação encontrada e saber filtrar as informações recuperadas, de forma a utilizar a informação de que, de fato, é requisitada. Inicialmente, o termo *Information Literacy* foi usado nos Estados Unidos, e traduzido pela primeira vez no Brasil por Caregnato (2000). A diversidade de nomes que podem ser utilizados para designar esse conceito de competência é grande. É possível encontrar artigos e livros que falem de letramento informacional, alfabetização informacional, literacia informacional (*Information Literacy*), habilidade informacional, entre outros.

Segundo Gonzalez (2009), *Information Literacy* é

Um conjunto de habilidades que as pessoas possuem para reconhecer suas necessidades informacionais e ter a capacidade de localizar, avaliar e utilizar eficazmente a informação de que precisa, entre as diversas possibilidades de escolha que, em meio à abundante informação disponível, provocam dúvidas sobre a autenticidade, validade e confiabilidade destas informações.

E a discussão que permeou a tradução e o uso do termo *Information Literacy* trouxe “uma nova forma de educação, uma ampliação na função pedagógica nas bibliotecas e um novo papel para o bibliotecário, tanto nas escolas, como em universidades e outros locais de ensino.” (PELLISSARO, 2012, p. 33). Ainda citando Pelissaro (2012, p. 33), a autora afirma que o objetivo principal da *Information Literacy* continua sendo tornar as pessoas capazes de articular a informação ao longo de toda sua vida.

Mas afinal, o que é a competência no uso da informação? O que significa ser competente na sociedade da informação? É necessário que seja explicitado que no mundo atual, os estudantes precisam **aprender a aprender** em um ambiente tecnológico (KUHLTHAU, 1999, p. 10), o que envolve:

- a) habilidade de aprender em situações dinâmicas, onde a informação está em constante mudança;
- b) habilidade de gerenciar grande quantidade de informação, quando a determinação do que significa informação suficiente é tão importante quanto localizar e selecionar informação relevante;

- c) e, mais importante, habilidade de encontrar significado através da produção de sentido em mensagens diversas e numerosas que geralmente não se acham organizadas previamente em textos;
- d) finalmente, habilidade de construir um entendimento próprio a partir de informação incompatível e inconsistente.
- e) Competência é a habilidade de construir sentido por si mesmo, em um ambiente rico em informação. O desafio colocado para a escola da sociedade da informação é educar crianças para viver e aprender em um mundo tecnológico e rico em informação.

Tais habilidades, se exercitadas, são extremamente benéficas. A informação está em constante atualização e mudança, e conseguir utilizar a biblioteca de forma autônoma, e, mais do que isso, saber fazer bom uso da informação recuperada, faz mudar para melhor a experiência que o usuário tem. A biblioteca tem o dever de fomentar as competências e habilidades informacionais de seus usuários.

É dever também, incentivar a criação de atividades que instruem e eduquem os mesmos. De acordo com o que Pelissaro (2012, p. 34) afirma, “as bibliotecas escolares são tratadas como as primordiais no ensino da competência informacional, pois nelas o aluno pode descobrir um laboratório informacional.” O que endossa a importância da biblioteca se atualizar pensando nas competências que seus usuários desenvolverão.

Já Macedo (2005, p. 173) conclui que

“Se os princípios didático-pedagógicos preconizam que os docentes utilizem os mais variados recursos fora da sala de aula, a fim de que o aluno se aproprie de conhecimentos, vivências e valores, impõe-se que o bibliotecário escolar, como mediador da informação, seja reconhecido também como um dos agentes que contribui, na sua especialidade, para a consecução de objetivos dos cursos e requisitos do projeto curricular de cada escola, e em especial para influir nas técnicas de competência informacional aos alunos.”

O programa elaborado por Kuhlthau (2002, p. 13) foi planejado, ao considerar a capacidade das crianças e jovens ao utilizar os recursos

informacionais em cada estágio do seu desenvolvimento, ao combinar essa capacidade com atividades apropriadas. A fundamentação deste programa foi especialmente baseada nos estudos do psicólogo suíço Jean Piaget, que definiu os estágios do desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Ao descrever os estágios faz com que exista a possibilidade de determinar a capacidade de compreensão dos estudantes e usuários das bibliotecas escolares em cada idade.

Apesar da autora ter se baseado nos estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget, o foco deste trabalho não se debruçará pelas idades, nem pela delimitação dos níveis e fases, uma vez que o universo da pesquisa são os alunos da educação de jovens e adultos, que apesar de estarem em séries semelhantes às das crianças e jovens, aprendem de forma diferente e possuem vasta vivência em comparação com as crianças em idade escolar.

A seguir, serão retratadas as definições do letramento informacional, que é sistematicamente semelhante a competência informacional.

2.5 LETRAMENTO INFORMACIONAL

A classe bibliotecária acaba percebendo que existe uma demanda de ajuda das pessoas para decifrar esse universo informacional tão complexo, que caracteriza a conhecida “sociedade da informação”. Isso significa ajuda-las a desenvolver habilidades de uso da informação, tornando-as capazes de aprender de forma autônoma e ao longo da vida. O conceito de *letramento informacional* surge como sustentação desta prática educativa. (CAMPELLO, 2009, p. 7)

Dentro do letramento informacional existe um processo de aprendizagem a ser desenvolvido. Kuhlthau (1999, p. 12) define que dentro deste processo existem seis estágios: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação, com um estágio adicional de avaliação. Os estágios são nomeados a partir da tarefa primária a ser realizada em cada ponto deste

processo. A iniciação marca o início do processo, quando existe um projeto ou um problema introduzido pela primeira vez. Neste momento, o estudante frequentemente se sente confuso e inseguro em relação a como proceder. De forma inicial o seu pensamento fica centrado no que o professor deseja, e em exigências mais mecânicas da tarefa. Mas, ao contrário disso, o seu pensamento necessita voltar-se para o que já se sabe, ficar aberto a novos questionamentos que aparecem, e se direcionar para as oportunidades de ensino e aprendizagem que os projetos podem oferecer.

Já o segundo estágio, a seleção, é onde o estudante pode identificar um tópico geral de pesquisa. Após selecioná-lo, ele fica um pouco otimista, por ser capaz de realizar a tarefa requerida. Contudo, alguns estudantes levam mais tempo do que outros para realizar a tarefa. O estudante que não seleciona logo o seu tema de pesquisa acaba tornando-se ansioso por estar atrasado em relação ao grupo. O ritmo do processo de pesquisa pode variar grandemente de acordo com a pessoa e com o problema. A vez em que existe a possibilidade de um grupo de estudantes trabalhar juntos é nos estágios de iniciação e apresentação. É útil demonstrar isto para o estudante, uma vez que este não tem sido o padrão de aprendizagem escolar (onde todos os estudantes estão geralmente realizando a mesma tarefa, ao mesmo tempo.), mas é normal para a aprendizagem no mundo real. É importante que o estudante saiba que o processo de pesquisa varia.

O terceiro estágio, de exploração, é o mais difícil de todo o processo de pesquisa. Após a escolha de um tema geral, o estudante espera ser capaz de ir diretamente para a fase em que coleta a informação e terminar a tarefa. Entretanto, o estágio de exploração, requer que o estudante explore a informação, estabelecendo um foco para sua pesquisa. É necessário que o estudante seja estimulado à leitura e reflexão, para aprender o suficiente sobre seu tema geral, para então formar uma perspectiva com sua visão pessoal, achando assim, um foco para seu trabalho. Neste estágio é comum que a confiança do estudante diminua bastante, à medida que ele encontra informações que são inconsistentes ou incompatíveis com o seu trabalho, indo contra suas expectativas. O aluno precisa ser guiado na tarefa de explorar a informação para definir um foco para a sua pesquisa, e não apenas coletar

fontes. A omissão dos estágios de exploração e formulação acarreta em erros comuns na pesquisa, pois quando o estudante confunde o estágio de exploração com o estágio de coleta, acaba aplicando estratégias de coleta já na tarefa de exploração, quando na realidade a exploração serve para verificar grandes variedades de materiais, ao invés de apenas copiar partes inteiras de um texto. Quando estes dois estágios se confundem, o estudante tem dificuldade ao final do projeto, quando está se preparando para a apresentação. Frequentemente acaba copiando partes inteiras de um texto pois não formou sua perspectiva acerca do que deveria escrever, e isso ocorre porque não entendeu o que leu.

O quarto estágio, formulação, é conceitualmente o mais importante de todos. Durante este estágio, o centro do processo de aprendizagem é levar o estudante a formar uma perspectiva focalizada, a partir da informação que buscou, leu e refletiu sobre. E que, automaticamente, direcionará o restante de seu processo de busca. O foco da pesquisa fornece uma ideia guia, um tema ou uma linha na qual basear a coleta da informação; fornece a estrutura para construção do conhecimento e aprendizagem. Quando o estudante se torna consciente da necessidade de estabelecer um foco em seu trabalho, adquire uma estratégia para realizar a seleção da informação e compreender a melhor forma de usá-la, muito mais do que simplesmente localizá-la. É necessário que o estudante seja guiado e orientado ao usar a informação, de tal forma que o leve a pensar, refletir e interpretar a informação que coletou e está reunindo. É aí que o projeto começa a tomar forma.

O quinto estágio, a coleta, a tarefa do estudante é a de então reunir toda informação que coletou e que define e apoie o foco estabelecido no estágio anterior. Posteriormente o foco é delineado. Muitas das estratégias usadas na pesquisa tradicional em biblioteca são úteis neste estágio, como por exemplo, a pesquisa realizada exaustivamente por assunto e a anotação detalhada.

O sexto estágio, a apresentação, a tarefa do estudante é completar o seu projeto, descrevendo a perspectiva e seu foco, e se preparando para apresentar aos seus colegas o conhecimento que obteve. Esse também é comumente um estágio difícil caso a fase de formulação não tenha sido bem trabalhada, principalmente para aqueles estudantes que simplesmente copiaram trechos de algumas fontes e que não refletiram sobre o significado do que

coletaram. No sétimo e último estágio, a avaliação, o estudante revê todo o processo, examinando cada progresso que obteve, bem como tudo que aprendeu. Isto ajuda a lembrar cada fase do processo de pesquisa, e o que pode ser útil para ser utilizado na elaboração de outros novos projetos, e a pensar nelas como seu processo de aprendizagem pessoal. (KULTHAU, 1999, p. 12)

O auxílio do professor e do bibliotecário na realização destes processos de aprendizagem é de suma importância, pois, é na prática e com orientação que o aluno consegue obter um letramento informacional. É desta forma que o aluno saberá como utilizar todas as informações que coletou, saberá como filtrar o que é útil ou não, saberá interpretar da sua maneira tudo aquilo que leu e que observou. Como afirma Campello (2009, p. 7)

[...] a classe bibliotecária percebe uma demanda de ajuda das pessoas para decifrar o universo informacional complexo, que caracteriza a sociedade da informação. Isso significa ajuda-las a desenvolver habilidades de usar informações, tornando-as capazes de aprender de forma autônoma e ao longo da vida. Como sustentação a essa prática educativa, surgiu o conceito de *letramento informacional*.

Desta forma, além de contribuir com o letramento, o auxílio e atividade prática de pesquisa ajuda o indivíduo a exercer a cidadania, a utilizar a informação que está à sua disposição e não acatar tudo o que lê, mas sim desenvolver um pensamento crítico e sua própria visão de mundo, fazendo uso de tudo que aprendeu ao longo da vida e aplicando às mais diversas ocasiões. Para ser efetivo, esse trabalho de letramento e ensino através da pesquisa e utilização da informação, exige do bibliotecário uma posição flexível e aberta a mudanças (CAMPELLO, 2009, p. 19)

Uma das grandes dificuldades da aprendizagem de competências, de uso de informação é, segundo Campello (2009, p. 18) a dificuldade em mudar a já existente cultura pedagógica, a falta de formação adequada aos professores, a falta de um currículo organizado de forma a privilegiar a pesquisa, a ausência de uma infraestrutura adequada de informação. Desta forma, programas de

letramento informacional nas escolas exigem ações colaborativas, entre professores, diretores, mantenedores e bibliotecários. Programas de desenvolvimento de habilidades informacionais devem ser integrados ao projeto político-pedagógico das escolas, sendo empreendidos desde o início da educação básica.

Por isso, é importante verificar se a biblioteca escolar contribui com a competência e o letramento informacional. Pois, identificar a forma como a biblioteca escolar em seu papel de agente integradora contribui para estes aspectos permite realizar uma análise melhor das competências já existentes e das que a biblioteca escolar, em conjunto com a escola e os professores, deveria se dedicar para ajudar a desenvolver. Analisar as competências já existentes contribui para o enriquecimento da instituição pois demonstra que os responsáveis pela biblioteca reconhecem a importância do letramento informacional de seus usuários.

3 METODOLOGIA

Abaixo será apresentada a metodologia utilizada na realização deste trabalho.

3.1 METODOLOGIA QUANTO A SUA NATUREZA

A pesquisa realizada por este trabalho é básica pois, é voltada à geração de conhecimento e averiguação do problema específico que é “o que a biblioteca escolar pode fazer para contribuir com a competência e o letramento informacional de seus usuários?”

3.2 QUANTO A ABORDAGEM

A abordagem é qualitativa, uma vez que o trabalho não mensurou quantitativamente a capacidade, as competências dos alunos do CMET Paulo Freire, ou o quanto a biblioteca contribui para o letramento de seus alunos, o que se realizou foi a averiguação da teoria da autora Carol Collier Kuhlthau com base no que foi visto e coletado dentro da instituição.

3.3 QUANTO AO OBJETIVO

O estudo é exploratório, pois consiste num estudo profundo e exaustivo, de poucos objetos e realizado de maneira que permita amplo e detalhado conhecimento. (GIL, 2002, p. 54) E que tem como principal finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27)

Para este trabalho a metodologia escolhida para o tipo de estudo foi a de estudo de caso, pois nas palavras de Yin (2015, p. 20)

Você poderia querer usar a pesquisa de estudo de caso por desejar entender um fenômeno do mundo real e assumir que esse entendimento provavelmente englobe importantes condições contextuais pertinentes ao seu caso.

Em outras palavras, a escolha foi feita, pois, o intuito deste pesquisa buscou compreender o fenômeno da competência informacional dos usuários da Biblioteca do Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire na cidade de Porto Alegre, assumindo que os resultados da pesquisa foram influenciados pela situação atual das escolas municipais e do recorte em que o Ensino de Jovens e Adultos se encontra em meio à educação.

3.4 UNIVERSO DA PESQUISA⁷

O universo da pesquisa é o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire, localizado na rua Santa Terezinha, 572 no bairro Santana em Porto Alegre. A instituição é mantida pela Prefeitura Municipal da cidade de Porto Alegre, através da Secretaria Municipal de Educação (SMED). A instituição atua com trabalhadores, jovens a partir de 15 anos, adultos, pessoas com necessidades educacionais especiais e idosos. O Ensino Fundamental na modalidade de EJA do CMET Paulo Freire se organiza em seis Totalidades de conhecimento e no desenvolvimento de cursos e oficinas. O currículo é dividido nas Totalidades Iniciais (T1, T2 e T3) e em Totalidades Finais (T4, T5 e T6).

3.5 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos do estudo são os alunos das turmas T3 e T6, que equivalem à quarto e quinto ano do ensino básico regular e oitavo e nono ano do ensino

⁷ Dados retirados do site da instituição. Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/cmet/material/regimento%20atualizadodia%2023.pdf>>. Acesso em 14 abr 2018.

básico regular, respectivamente, e as professoras responsáveis para a biblioteca. No total, participaram do grupo focal da T6 14 alunos, e na T3 8 alunos. Os primeiros sujeitos a serem entrevistados foram as professoras responsáveis pela biblioteca, as pedagogas Cíntia Zimpel e Christina Popovic com a realização de uma entrevista gravada em áudio. E depois, em outro momento da visita, os alunos das turmas T3 e T6 do período da noite, com dois grupos focais distintos, um de cada turma, também com gravação em áudio, para consulta posterior e para não intimidar os alunos.

3.6 INSTRUMENTOS DA PRODUÇÃO DE DADOS

A coleta de dados deste trabalho se deu por dois meios: a ida na biblioteca em primeiro momento para a conversa com as responsáveis pelo espaço, uma pequena observação do local, uma pequena observação do atendimento das mesmas, uma volta pela escola para conhecer todos os espaços que os alunos e professores frequentam, e por fim, a entrevista gravada em áudio com as responsáveis. As professoras e pedagogas Cíntia Zimpel e Christina Popovic assinaram o termo de consentimento informado e participaram livremente da entrevista (Apêndice A), dando suas opiniões acerca de questões importantes a respeito de cidadania e competência informacional. Para a coleta de dados do trabalho foi realizado grupo focal com as turmas T3 e T6.

3.7 PROCEDIMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS

Para esta pesquisa, o método escolhido para a coleta de dados foi a realização de grupo focal. Como a pesquisa foi realizada de forma qualitativa, com estudo de caso como método, optou-se pelo uso de grupo focal, apesar de uma pequena observação da biblioteca em um primeiro momento. Morgan afirma que (1997, p. 9, tradução nossa)⁸

⁸ No original: both focus groups and participant observation share an overlapping interest in group interaction, there are many topics where it would be possible to design a study using either of them. in this case, there is a trade-off -- between the naturalness of observations in a field setting

[...] tanto os grupos focais como a observação participante compartilham um interesse excessivo na interação grupal, há muitos tópicos em que seria possível elaborar um estudo usando qualquer um deles. Neste caso, há um trade-off⁹ - entre a naturalidade das observações em uma configuração de campo e na capacidade de coletar um conjunto concentrado de interações em um curto espaço de tempo através de grupos focais. Este não é o tipo de escolha que pode ser feita por motivos estritamente técnicos, o diferente valor atribuído às vantagens e desvantagens dos dois métodos dependerá do próprio tópico de pesquisa, dos antecedentes e dos interesses do pesquisador e da natureza do público final para a pesquisa. Simplificando, onde há uma vantagem sobre a habilidade naturalista de observar tal comportamento está prontamente acessível, alguma forma de observação participante será preferida em relação aos grupos focais.

Porém, apesar de todas as vantagens apresentadas na observação, o uso dela não seria tão vantajoso quanto uma conversa dirigida para saber dos próprios alunos as respostas para as perguntas (anexadas no apêndice B), uma vez que o interesse se baseia na interação grupal dos alunos do CMET Paulo Freire em relação à biblioteca e às suas particulares habilidades informacionais.

Abaixo estão pautados a forma em que o grupo focal foi realizado.

3.7.1 Grupo Focal

A partir da leitura de Morgan (1997), é que se definiu o método que foi utilizado para a realização deste trabalho. O método escolhido, portanto, foi a realização de grupo focal, o que possibilitou acesso aos alunos, tentando manter intervenção mínima para preservar os resultados que foram obtidos. O grupo

and the ability to collect a concentrated set of interactions in a very short span of time via focus groups. this is not the kind of choice that can be made on strictly technical grounds. the different value attached to the advantages and disadvantages of the two methods will depend on the research topic itself, the background and interests of the researcher, and the nature of the ultimate audience for the research. put simply, where there is a premium on the naturalistic ability to observe such behavior is readily available, some form of participant observation will be preferred over focus groups.

⁹ Trade-off é uma expressão em inglês que possui diversos significados, dentre eles “conflito de interesses” e “perde-e-ganha”.

realizou-se com os alunos das T3 e T6 do CMET Paulo Freire, do turno da noite, tendo sido realizado em um momento, onde se reuniram os alunos, a pesquisadora e as professoras responsáveis. O grupo focal foi conduzido pela pesquisadora, com auxílio das professoras responsáveis. A vantagem da utilização de grupos focais, é a de que estes não podem realmente substituir os tipos de pesquisa qualitativa que são feitas por entrevistas individuais ou observações. Mas, por outro lado, podem fornecer acesso a formas de dados que não são obtidas facilmente em nenhum dos outros dois métodos (MORGAN, 1997, p. 8, tradução nossa). Outra principal vantagem dos grupos focais é de que

em comparação com a observação participante é a oportunidade de observar uma grande quantidade de interação sobre um tema em um período limitado, com base na capacidade do pesquisador de reunir e direcionar as sessões do grupo focal. Esse controle também é uma desvantagem, no entanto, porque significa que os grupos focais são, em algum sentido, configurações sociais não naturais. (MORGAN, 1997. p. 8, tradução nossa)¹⁰

E mesmo que grupos focais sejam limitados no sentido de ser conduzido pelo pesquisador, ainda assim em um curto período poderão ser obtidos resultados esperados. Trazendo isso para a prática: em uma noite foram obtidos os resultados esperados. Ainda citando Morgan (1997, p. 13, tradução nossa), é possível compreender que a interferência do pesquisador ao realizar pesquisa através de grupo focal é positiva em alguns casos:

A força de confiar no foco do pesquisador é a capacidade de produzir quantidades concentradas de dados precisamente no tema de interesse. Esta força foi clara em comparação com a observação participante porque os grupos focais não só dão acesso a relatórios sobre uma ampla gama de tópicos que podem não ser observáveis, mas também assegure que os dados sejam diretamente direcionados

¹⁰ No original: the strength of relying on the researcher's focus is the ability to produce concentrated amounts of data precisely the topic of interest. this strength was clear in comparison to participant observation because focus groups not only give access to reports on a wide range of topics that may not be observable but also ensure that the data will be directly targeted to the researcher's interests. this strength is one source of focus groups reputation for being "quick and easy". the other source of this reputation is their relative efficiency in comparison to individual interviews, at least in terms of gathering equivalent amounts of data.

aos interesses do pesquisador. Essa força é uma fonte de reputação dos grupos focais por serem "rápidos e fáceis". A outra fonte dessa reputação é sua eficiência relativa em comparação com entrevistas individuais, em termos de recolha de quantidades equivalentes de dados.

Ou seja, a utilização desta forma de pesquisa foi benéfica ao trabalho pois foram acessados, através de perguntas pré-programadas, os tópicos de interesse deste trabalho (competência informacional, letramento informacional, desenvolvimento da cidadania e inclusão).

3.7.2 Procedimento de Análise dos Dados

No primeiro momento, as falas coletadas pela pesquisadora, das professoras responsáveis pela biblioteca e dos sujeitos do grupo focal sofreram o processo de transcrição. Depois, os dados foram separados devidamente, e as falas dos sujeitos do grupo focal foram analisadas de acordo com as habilidades definidas por Kuhlthau, para as diferentes fases e etapas analisadas conforme constam no questionário. Por fim, para a realização da análise dos dados coletados pela pesquisadora, foi aplicado o método de análise de conteúdo para associar os dados obtidos com os aspectos visualizados na teoria de Kuhlthau. A análise de conteúdo foi utilizada por consistir em um esclarecimento e sistematização do conteúdo e da expressão do mesmo. (BARDIN, 1995). Segundo Bardin (2016, p. 145),

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais.

Ou seja, para a consecução desta pesquisa é importante a análise qualitativa, por abordar as deduções específicas sobre o que foi inferido (no

caso, como a biblioteca Carla Timmers Dias influencia na competência informacional dos alunos do CMET Paulo Freire).

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção do trabalho estão relacionados e analisados os dados coletados a partir dos objetivos geral e específicos do trabalho. São também apresentados os projetos e oficinas realizadas na biblioteca, a entrevista com as duas professoras responsáveis pelo espaço, e a realização do grupo focal com os alunos de T3 e T6 do período da noite. Apesar de citar o nome das professoras responsáveis pela biblioteca, optou-se por não citar os nomes dos alunos participantes dos grupos focais, uma vez que o nome dos mesmos não interfere de forma significativa no trabalho. No dia 24 de maio de 2018 foi realizada a primeira visita à instituição. O primeiro contato foi com a professora Cíntia Zimpel, responsável pela biblioteca e parte do corpo docente do CMET Paulo freire, que apresentou a biblioteca e contou sobre a história da instituição, das dificuldades de repasse de verbas do município, dos programas desenvolvidos pela escola e da professora que nomeia a biblioteca (Carla Timmers Dias). Após esse primeiro momento houve também o contato com a professora Christina Popovic, que trabalha em conjunto com a outra professora na biblioteca e como corpo docente da instituição. A professora Cíntia se responsabilizou pela apresentação do espaço escolar. A entrevista com elas sofreu o processo de transcrição para melhor utilização dos dados, uma vez que a entrevista gravada traz uma maior liberdade para falar sem interrupções.

Nos tópicos a seguir estão pautadas a apresentação e a análise dos dados.

4.1 COMPETÊNCIA INFORMACIONAL NA EJA

No primeiro contato com as professoras foi explicado de forma breve o que era competência informacional, de que forma isso afetava a biblioteca, e como o reconhecimento das necessidades informacionais dos usuários influencia a forma em que a biblioteca pode se organizar e trabalhar para supri-las. As entrevistadas foram Cíntia Zimpel, e Christina Popovic. Ambas são

formadas em pedagogia, e trabalham na biblioteca, conciliando os horários com as turmas as quais ministram aulas.

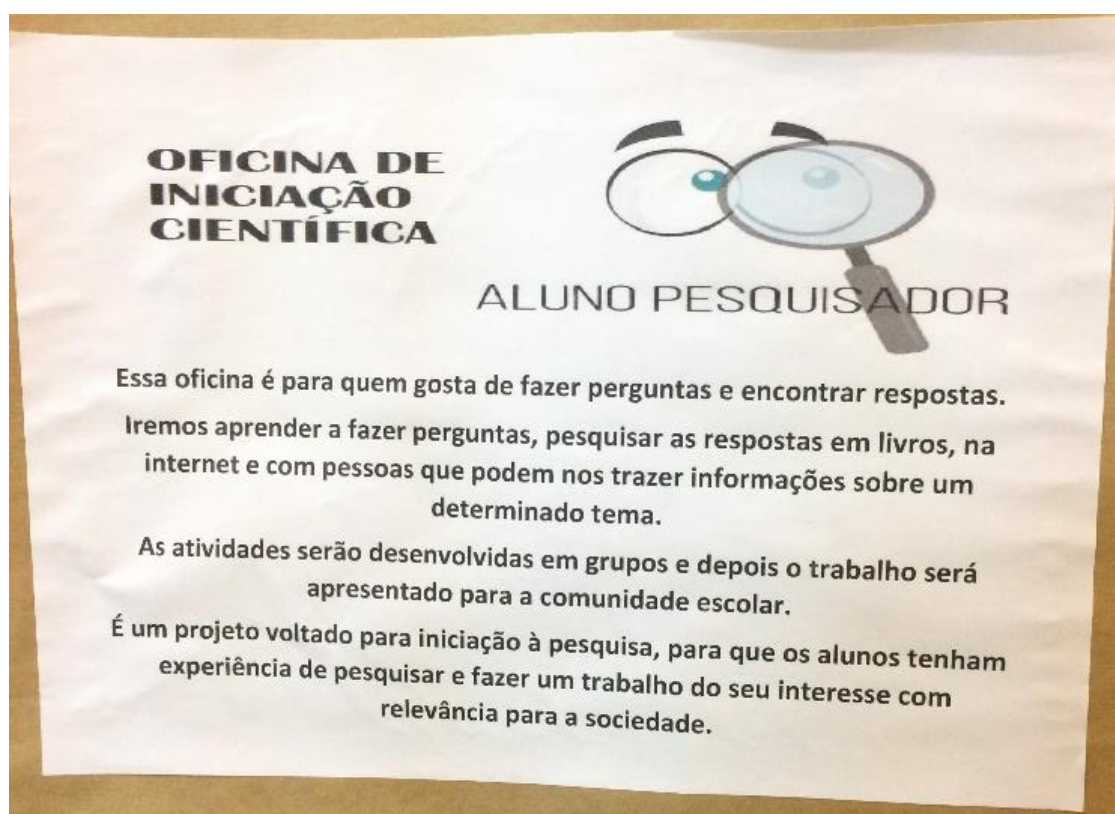
A entrevista foi realizada utilizando nove questões sobre diferentes assuntos: as ações desenvolvidas pela biblioteca; se alguma das ações existentes se voltam para o letramento informacional dos alunos da EJA; se a biblioteca contribui ou não para a competência e letramento informacional de seus usuários (e de que forma); se existem na biblioteca ações para a inserção dos alunos no mercado de trabalho; o papel da educação na promoção da igualdade e da inclusão social; qual a relevância da EJA para a sociedade; se a competência e o letramento informacional afeta a vida dos usuários da biblioteca; se a educação pode ser um instrumento de promoção da inclusão e da igualdade social; e, qual a importância da biblioteca escolar para os alunos da EJA. As respostas, como abordadas a seguir, abrangeram pontos interessantes sobre a importância da EJA e do letramento informacional dos alunos da instituição.

A primeira pergunta realizada na entrevista foi a respeito das ações desenvolvidas pela biblioteca Carla Timmers Dias, que envolvem uma parceria com os professores, permitindo a entrada nas salas de aula para divulgação de livros novos. Existe também ações de contação de histórias sobre um autor escolhido, ou até mesmo o autor que será trabalhado no projeto “adote um escritor”. Há a preocupação também de abordar leituras sobre temas que os alunos estejam estudando em sala de aula. As professoras Cíntia e Christina utilizam minicontos para chamar a atenção dos alunos para leituras e para o uso do espaço da biblioteca, uma vez que alguns tem receio de pegar livros com muito conteúdo para ler (e outros não tem o tempo necessário para efetuar uma leitura, já que uma parcela dos alunos da escola é de jovens e adultos trabalhadores). Os minicontos são muito usados, em razão da rapidez com que pode ser efetuada a leitura, pois algumas turmas não possuem muito tempo para ir à biblioteca, tendo suas visitas limitadas à uma vez por semana e durante um espaço de tempo de uma hora, uma hora e meia. Os alunos também são responsáveis por ilustrar minicontos e colá-los nas paredes da escola, para atrair ainda mais leitores para a biblioteca e para incentivar a leitura.

A pergunta de número dois foi em relação às ações desenvolvidas para ações de letramento informacional dos alunos, ao qual foram citadas as turmas

que vão semanalmente na biblioteca, onde retiram os livros desejados ou solicitados, em algumas vezes participam de contações de histórias, e realizam pesquisas nos livros sobre os assuntos estudados em sala de aula. As turmas vêm acompanhadas dos professores. Alguns professores pedem para que seus alunos se localizem dentro da biblioteca, fazem atividades onde solicitam livros de um gênero específico para que os estudantes tentem localizar e se familiarizar com o acervo, com a localização específica nas estantes. Uma ação sobre pesquisa existente na escola é a Oficina de Iniciação Científica Aluno pesquisador, que é realizada por um grupo de cinco alunos da UFRGS, acompanhados pelo professor José Luis Machado (divisão de sistemas de extensão – CPD), e que orienta os alunos para que tenham a experiência de pesquisar e realizar um trabalho de seu interesse e com relevância para a sociedade. A oficina orienta a pesquisa nos livros, por isso conta com participação e apoio da biblioteca.

Figura 5 – Cartaz sobre a oficina de iniciação científica Aluno Pesquisador



Fonte: o autor

Na terceira questão, quando perguntado se as professoras acreditavam que a biblioteca contribui para a competência e o letramento informacional dos

usuários a resposta foi de que é perceptível a evolução de leitura que os alunos tem durante o ano, os indivíduos já chegam pedindo autores determinados, e as responsáveis pela biblioteca confessam que elas tentam ensinar os diferentes tipos de ficção, literatura, e que apesar de as vezes o serviço de empréstimo ser mais demorado, é necessário dar tempo ao usuário, mostrar os livros, mostrar a sinopse na contracapa, as informações que constam nas orelhas dos livros. Os próprios alunos buscam ter hábitos de leitura, o que facilita o letramento informacional dos mesmos, já que existe o desejo de utilizar e frequentar o espaço, utilizar o acervo disponível e principalmente o desejo de aprender a utilizar a biblioteca da melhor forma.

Quando perguntado se a biblioteca possui alguma ação voltada para a inserção dos alunos no mercado de trabalho (questão 4), a resposta foi que **não**, a biblioteca em si não possui, porém, a escola trabalha com isso, com a utilização de projetos específicos. Entretanto, estes projetos acabam sempre tendo algum tipo de ligação com a biblioteca, pois de alguma forma, é onde os alunos buscam a estrutura necessária para realizar os trabalhos, ao buscarem material para uso.

Para as professoras, o papel da educação na promoção da igualdade e da inclusão social (questão 5) é extremamente forte, o CMET é preocupado com a inclusão social já que possui alunos com deficiência visual, e antes da troca de instituição existiam alunos deficientes auditivos; possui também alunos com necessidades especiais, alunos em situação de vulnerabilidade social, idosos, negros, homossexuais. A questão de gênero na instituição é algo bem forte e que vem sendo trabalhado. As próprias professoras afirmam que alunos que possuem preconceito com as diferenças presentes na escola não conseguem conviver no ambiente escolar, caso não se adaptem ao ambiente e às diferenças. Também afirmam que não é diferente com os professores, pois “existem professores e educadores que não conseguem se manter no trabalho em razão da extrema diversidade que o CMET possui”. O trabalho do professor não é mais o mesmo, antigamente uma aula necessitava de apenas um planejamento que era aplicado, e hoje em dia é necessário que existam vários planejamentos para a mesma aula para conseguir abraçar as mais diversas situações que envolvam inclusão social e igualdade.

Para as professoras (vide questão 6) a relevância da Educação de Jovens e Adultos para a sociedade se dá pelo fato de a EJA já ter cumprido, e muito bem, seu papel de agente de alfabetização. São poucos os alunos da rede municipal, a rede estadual a partir dos quinze anos é que é a maior contemplada do CMET. A rede como formadora, alfabetizadora, ou como incentivadora do letramento foi muito eficiente. Ainda assim, é forte a questão da evasão, pois existem alunos que evadiram ou fugiram da escola, e que acabam retornando para o Centro Municipal de Ensino de Trabalhadores, entretanto, estes indivíduos já retornam em outro nível de letramento, que acaba por não englobar as “T’s” (T1, T2, T3), e já entram em T4. Mas ainda assim, existem muitos alunos nas turmas iniciais, apesar das professoras pensarem a respeito das turmas estarem diminuindo, os alunos idosos falecendo, e o módulo inicial acabando. Porém, mesmo assim, ainda existem cerca de vinte, vinte e cinco alunos por turma do turno da noite, e havia muito tempo que não isso não era visto. Ainda existem pessoas para serem alfabetizadas, não em faixas de quinze anos, vinte; mas sim na faixa etária de sessenta, setenta, oitenta anos. O objetivo da EJA mudou, antes o foco era na alfabetização e letramento, hoje o foco é em formar o aluno no Ensino Fundamental.

As professoras enfatizam que é necessário que os indivíduos se encontrem e criem um caminho, pois estão sendo levados a se inserir em uma sociedade que muitas vezes é amedrontadora. É necessário ensinar os alunos a romper os padrões e não aceitar as coisas como são, não se acomodar. Em razão disso, a escola busca sempre levar seus alunos em atividades fora do contexto escolar, como por exemplo teatros, exposições e em bibliotecas, como na biblioteca Josué Guimarães que é parceira da escola. A inclusão é muito trabalhada nestes espaços, pois numa das vezes em que houve contação de histórias na biblioteca Josué Guimarães, os alunos foram vendados para trabalhar as questões olfativas e táteis, e as profissionais que fizeram a contação mal podiam imaginar que naquela turma havia alunos cegos. A contação de história trouxe uma experiência diferente aos alunos, pois permitiu que eles se colocassem no lugar dos seus colegas e pudessem sentir na pele que existem muitas dificuldades na vida dos deficientes visuais.

Quando questionadas a respeito da forma em que acreditam que a competência informacional e o letramento informacional afetam a vida dos seus usuários (vide questão 7), as professoras afirmaram que a competência e o letramento influenciam em tudo. Um exemplo dado foi o de idosos que foram alfabetizados, e a partir da concepção e do letramento acerca do espaço que frequentam (escola, biblioteca) se tornaram capazes de ler o letreiro dos ônibus, evitando perder tempo pegando ônibus errado. No momento em que há uma dinâmica maior em relação à leitura e à utilização do espaço da biblioteca, permitindo uma fluência, é que os idosos conseguem saber o ônibus certo, tomam a medicação certa, etc. Começa dentro do espaço escolar e da biblioteca essa segurança em relação ao uso dos ambientes. A conexão estabelecida depois de aprender a ler e a escrever é muito interessante. E não são apenas os idosos que demonstram isso, os adolescentes também, uma vez que de certa forma não tiveram o tempo certo de escolarização, ou em algum momento conseguiram burlar o sistema e fugir, pois, em algumas famílias não é valoroso saber ler e escrever. No CMET, nas sextas feiras são ministradas oficinas onde os alunos são ensinados a utilizar o celular, muitos jovens aprenderam a usar o celular para tirar fotos, mandar mensagens, melhorar a escrita apesar das gírias e abreviações. Existem vários tipos de letramentos que se tem no decorrer da vida, os estudantes vão aprendendo mais sobre essa questão social, vão sendo inseridos na sociedade de uma forma muito mais ampla do que antigamente. Antes, eram excluídos, e agora com a questão da leitura, do aprendizado, do saber utilizar o espaço, eles conseguem um emprego melhor, conseguem ajudar os filhos com os temas de casa.

A oitava pergunta questiona se as professoras acreditam que a educação seja um instrumento de promoção de igualdade social, ao que responderam que sempre haverá uma diversidade no mundo. As pessoas não podem e não devem ser iguais, jamais pensarão da mesma forma. E a educação, a escola, faz com que exista uma empatia, se colocar no lugar do outro. Essa é a diferença, o indivíduo cresce arraigado a valores e crenças, e então se depara com coisas novas, como a diversidade de gênero, necessidades especiais, diferença de idade. Antes, se era pensado que um aluno cadeirante era digno de pena, hoje, já se sabe que assim como qualquer aluno ali presente, ele tem potencial de

aprender. Os professores precisam se adaptar também, buscar conhecimento. A diversidade nunca deixará de existir, e o respeito precisa ser constantemente trabalhado; a educação promove essa igualdade.

Por fim, a última pergunta do questionário era referente à visão das professoras em relação à importância da biblioteca escolar para os alunos da EJA. As professoras afirmaram que a biblioteca já foi um centro cultural, que respirava muito mais cultura, que participava do grêmio estudantil da escola, realizava intercâmbios com a Alemanha; mas infelizmente com a redução de pessoal a biblioteca acaba sendo limitada aos empréstimos, registros, baixas; em suma, os trabalhos mais burocráticos e sistemáticos. **A conversa com os alunos sobre os livros cria uma espécie de empatia, onde os estudantes acabam criando uma referência em quem é responsável pela biblioteca.** As próprias professoras incentivam a leitura de livros, e incentivam também o uso e outras plataformas para a leitura, em busca de encontrar as melhores opções para os alunos realizarem as leituras e se afeiçoarem ao hábito de ler e frequentar a biblioteca.

4.2 ANÁLISE DO GRUPO FOCAL A PARTIR DA OBRA DE KUHLTHAU

Os dois grupos focais, foram realizados com as turmas T3 e T6, no turno da noite. Para a realização do grupo, foram estipuladas dez questões baseadas na obra de Kuhlthau, mais especificamente na lista de habilidades das fases II e III e 1ª, 2ª, 3ª e 4ª etapas. Em cada etapa são apresentados os objetivos, em forma de lista sequencial de habilidades a serem desenvolvidas nos alunos. A lista elaborada por Kuhlthau não é rígida, fornecendo apenas uma estrutura geral a partir do qual programas de educação de usuários e análises podem ser planejados e realizados (KUHLTHAU, 2002, p. 152) As mesmas dez questões foram utilizadas nas mesmas turmas por falarem um pouco de cada etapa e fase citada acima, a escolha de utilizar as mesmas dez questões não foi em vão, visto

que foi buscado observar e analisar se ambas as turmas possuíam as mesmas capacidades, para verificar o trabalho que a biblioteca vem realizando.

No momento do grupo focal, a escola e a biblioteca já haviam sido apresentadas, e a primeira turma (T3) havia sido visitada em sala de aula para a explicação de como funcionaria o grupo focal e dos motivos pelos quais a pesquisa e o trabalho estavam sendo realizados. Este contato se deu em razão de que “é importante conhecer tanto os alunos quanto o acervo da biblioteca e a natureza da comunidade com a qual se vai trabalhar” (KUHLTHAU, 2002, p. 16)

Abaixo está relacionado um quadro onde se apresentam as questões e quais fases e etapas contemplam.

Quadro 1 – Questões, etapas e fases relacionadas.

Questão	Fase	Etapas
Questão 1	II	3ª etapa [nove anos]
Questão 2	II	3ª etapa [nove anos]
Questão 3	II	4ª etapa [dez anos]
Questão 4	II	4ª etapa [dez anos]
Questão 5	II	1ª etapa [sete anos]
Questão 6	II	1ª etapa [sete anos]
Questão 7	II	1ª etapa [sete anos]
Questão 8	II	3ª etapa [nove anos]
Questão 9	II	2ª etapa [oito anos]
Questão 10	III	1ª etapa [onze a doze anos]

Fonte: o autor

Apesar de as questões estarem mescladas entre as diferentes etapas e fases, e não seguirem uma ordem específica, elas foram arranjadas desta forma para facilitar o diálogo com os alunos na hora da aplicação do grupo focal. As etapas apresentam as idades aproximadas para uso em biblioteca escolar (mais especificamente crianças em fase escolar), que foram utilizadas para parametrizar com as séries correspondentes ao ensino básico, e posteriormente “traduzidas” para as T’s da EJA que estas etapas correspondem. Para melhor pontuar a escolha de cada fase e cada etapa, será explicado a seguir o que cada uma contempla.

1ª Etapa [sete anos] – Fase II: Nesta etapa, (para crianças de sete anos), o programa da biblioteca enfatiza questões como leitura, escuta de histórias

através de contações, e escolha de livros. À medida que as habilidades relacionadas à leitura são desenvolvidas, é essencial que os alunos disponham de uma variedade de livros para ler de forma independente (KUHLTHAU, 2002, p. 75). É preciso que se tenha em mente que a formação de leitores competentes implica na preparação dos mesmos, não apenas para decodificar a escrita e extrair informações do texto, mas, principalmente, para **compreender** o que é lido. A falta de motivação dos alunos é uma das maiores causas de problemas em relação a leitura. Quando os indivíduos sentem que não existe nada de interessante para oferecer a eles, há pouco incentivo para a realização da leitura independente (KUHLTHAU, 2002, p. 82)

2ª Etapa [oito anos] – Fase II: Nesta etapa, (para crianças de oito anos) é um período transitório dentro da biblioteca. Os indivíduos, que até então utilizavam livros considerados infantis (em razão da facilidade de leitura, tamanho e formato de letra e uso de palavras fáceis), passam gradualmente a usar toda a coleção da biblioteca. O indivíduo se realiza ao perceber que pode escolher, tanto materiais da coleção, quanto materiais de coleções de não-ficção. (KUHLTHAU, 2002, p. 105)

3ª Etapa [nove anos] – Fase II: Nesta etapa (para alunos de nove anos), as habilidades de utilização da biblioteca de forma independente aumentam, Os indivíduos já se familiarizam com a grande variedade de materiais e se acostumam a localizá-los e usá-los com o mínimo de ajuda de professores e bibliotecários (KUHLTHAU, 2002, p. 141). Neste momento, as habilidades de comunicação em leitura e escrita começam a ser aplicadas, e a biblioteca passa a ser usada também para pesquisar e produzir textos sobre diversos conteúdos curriculares. Os alunos são mais capazes de selecionar e avaliar materiais, tanto para informação, quanto para lazer. (KUHLTHAU, 2002, p. 152)

4ª Etapa [dez anos] – Fase II: Nesta etapa, (para alunos de dez anos) os alunos utilizam amplamente os materiais da biblioteca para informação e entretenimento. (KUHLTHAU, 2002, p. 183) Os alunos também aprendem técnicas para obter e combinar informações em um texto coerente, além de terem suas habilidades de avaliação e seleção de materiais expandida. (KUHLTHAU, 2002, p. 193)

1ª Etapa (onze a doze anos) – Fase III: Nesta etapa, (dos onze aos doze anos de idade) os alunos se tornam mais independentes e preparados para uso individual da biblioteca. As técnicas de pesquisa e elaboração de textos estão desenvolvidas através de prática. (KUHLTHAU, 2002, p. 229) As habilidades para utilizar a biblioteca e outros recursos informacionais que foram previamente ensinados e exercitados, agora são revistos e aplicados em trabalhos de pesquisa e produções textuais. Ao final desta etapa, os alunos estarão aptos a localizar, selecionar e interpretar materiais para estudo e lazer, de forma independente e individualista. (KUHLTHAU, 2002, p. 238)

A seguir, serão mostrados os resultados do grupo focal, de acordo com as etapas e fases elaborados por Kuhlthau.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO GRUPO FOCAL DE ACORDO COM KUHLTHAU

A primeira questão apresentada à T3 (que equivale à quarto e quinto ano do ensino fundamental) e T6 (que equivale à oitavo e nono ano do ensino fundamental) foi em relação às **habilidades de localização** da segunda fase da terceira etapa dos alunos, que engloba o reconhecimento dos arranjos de coleção, permitindo que os alunos entendam a forma como os materiais são organizados dentro da coleção e do acervo da biblioteca, fazendo com que os indivíduos consigam localizar materiais específicos. A pergunta foi “**você sabe a diferença entre ficção e não ficção?**” Ao que o Sujeito 1, aluno da T3, respondeu: “Ficção é algo fictício, ou seja, **que é criado**. E não fictício é aquele **‘baseado em fatos reais’**” Já o Sujeito 1, aluno da T6, respondeu que: “ficção seria aquilo que não é real”, no que o Sujeito 2 responde que: “ficção é invenção da mente, e não ficção é um fato real”. Os alunos compreendem o que é ficção, apesar de no início haver uma dificuldade de expressão, eles tentaram a partir da forma como enxergam, conceituar o que é ficção para eles.

A segunda questão apresentada às duas turmas, foi em relação às **habilidades de interpretação** da segunda fase da terceira etapa, que trata sobre a capacidade de escolher livros que os alunos sejam capazes de ler, bem como conhecer elementos do livro e serem capazes de apreciação literária. A pergunta foi “**você sabe definir uma biografia?**” Ao que o Sujeito 2, aluno da T3, respondeu “**biografia é a história de uma pessoa.**” Os alunos ainda estavam confusos para responder exatamente o que seria uma biografia, os relatos tentaram de alguma forma explicar que era uma história sobre a **vida** de uma pessoa. Então a professora Cíntia trouxe de dentro do acervo o livro Diário de Anne Frank, para permitir que eles observassem e compreendessem o tipo de literatura que uma biografia é. Os alunos da T6 ficaram receosos de responder, então foi dito a eles que nenhuma das questões possuía resposta certa ou errada, então o Sujeito 3 da T6 respondeu que “é a biografia de si no caso, sobre **a vida da pessoa**”. E o Sujeito 4 respondeu “é a **história da pessoa**”. Nesta turma também houve a dificuldade de definir o que uma biografia era, mas os alunos se esforçaram e dentre o burburinho (os alunos começaram a conversar entre si, na tentativa de encontrar uma resposta “correta”), as respostas acima surgiram. Mas é possível observar que eles compreendem de forma básica o que uma biografia representa.

A terceira questão apresentada, foi em relação às **habilidades de localização** da segunda fase da quarta etapa. E a pergunta foi “**você conhece os vários tipos de ficção? Como por exemplo, científica, realista, mistério, histórica, fantasia.**” O Sujeito 4, da T3, respondeu “**novela é ficção, ‘né’?**” e o Sujeito 3 afirmou que “eu gosto de ficção, mas não é sempre que a gente tem tempo para ler” e o Sujeito 1 respondeu “**ficção científica é sobre ciências, ‘né’?**” O Sujeito 5 respondeu “**ficção científica é sobre fazer remédio?**” e o Sujeito 1 complementou “não, é sobre tingir cabelo, essas coisas”. Então foi passado para outro tipo de ficção, a histórica, que os alunos também tiveram dificuldade de explicar ou de reconhecer o que era. A professora Cíntia Zimpel trouxe de exemplo o livro Conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, e falou sobre a Lenda de Zorro, no que os alunos começaram a compreender sobre o que se tratava, e o Sujeito 6 comentou “o Cavaleiro Solitário também é, ‘né’?”. Foi observado que os alunos não compreendiam na totalidade os diferentes tipos

de ficção, e que alguns também possuíam dificuldade de se manter no tema da pergunta, como citado acima a resposta do Sujeito 3 sobre gostar, porém não possuir tempo para ler. Na T6 o Sujeito 5 afirmou “eu nem sei o que é isso” e os demais participantes não se manifestaram, talvez por não saber responder, ou por receio de responder “errado” (aspecto que foi bem forte nesta turma, por conter mais alunos participantes e por serem bem mais jovens), apesar de saberem o que significa e o que representa ficção.

Quando as três primeiras perguntas foram realizadas, sobre **ficção e não ficção, definição de biografia e os vários tipos de ficção**, os alunos, apesar de muitos estarem envergonhados e com receio de responder algo errado, acabaram demonstrando que entendem o que significa e o que engloba cada termo das perguntas, apesar de não conseguirem **expressar** o que realmente significava. As respostas entre T3 e T6, muitas vezes eram semelhantes, demonstrando que a escola busca trabalhar (ou já trabalhou, como com os dicionários, por exemplo) com tais conceitos.

A quarta questão apresentada às turmas, também em relação às **habilidades de localização** da segunda fase da quarta etapa, foi a seguinte “**você sabe [como] encontrar definições em um dicionário?**” no que o Sujeito 1 da T3, respondeu “Eu sei, eu pesquiso. **Eu vou pela primeira letra**, aí me dá um nome e eu vou lá e procuro pela letra do alfabeto e vou selecionando.” E o Sujeito 3 respondeu “**a gente já trabalhou com o dicionário**”. O Sujeito 1 da T6 afirmou “**é só procurar pelas três primeiras letras iniciais.**”. Apesar de nem sempre os alunos responderem, nesta questão as respostas vieram firmes e sem dúvida. Os alunos com certeza fizeram e fazem uso do dicionário em sala de aula e na biblioteca e aprenderam os princípios básicos para a busca de definições

A quinta questão foi em relação às **habilidades de interpretação** da segunda fase da primeira etapa. E a pergunta foi “**você compreende que existem várias formas de literatura?**” Antes de finalizar a pergunta foi mencionado que existe literatura fantástica, histórica, e entre outros, para situar os alunos sobre o que exatamente estava sendo abordado na questão. o Sujeito 1 da T3 respondeu “eu só conheço a vida real” ao que foi explicado que existem sim, livros que retratam aspectos da vida real, e novamente, que não havia

resposta certa ou errada. O Sujeito 3 afirmou “**romance, romance é literatura, ‘né’?**” também afirmou “**Tem contos, poesia...**”. Já na T6, o Sujeito 5 respondeu “**Literatura infantil**”, o Sujeito 1 respondeu “**tem literatura romântica**” já o Sujeito 3 afirmou “literatura didática também”. Os alunos compreendem de forma simples o que é literatura, e sabem dar alguns exemplos.

A sexta questão se relaciona às **habilidades de interpretação** da segunda fase da primeira etapa. A pergunta direcionada ao grupo foi “**Você sabe identificar a capa, a lombada, o título, o autor e a folha de rosto de um livro? Se sim, quais dos itens acima você sabe identificar?**”. A professora Cíntia demonstrou segurando um livro para que os alunos identificassem cada parte relacionada na pergunta. O Sujeito 4 da T3 respondeu “**a capa é a frente**”. O Sujeito 3 da T3 respondeu “**a folha de rosto é no meio quando começa o livro**”. O Sujeito 3 da T3 respondeu “**a contracapa é atrás**”. Quando perguntado sobre a lombada o Sujeito 3 da T3 respondeu “**não é aí onde que segura?**”, o Sujeito 7 da T3 disse “é aí do lado”. Já os alunos da T6, o Sujeito 7 afirmou “**eu só não sei onde é a lombada, o resto eu sei**.” E o Sujeito 1 respondeu: “**capa, contracapa, autor, é muito fácil de descobrir, é só olhar na descrição do livro**”. Quando perguntados pela lombada, as vozes se misturam e é possível ouvir comentários como “isso aí eu não sei”, “agora complicou”. Então a professora Cíntia (que auxiliou a pesquisadora no momento do grupo focal) pergunta “quando o carro passa por cima da lombada, é o que? Onde seria o quebra-molas do livro?” e então o Sujeito 4 responde que “**é essa parte de trás, essa ‘quina’ do livro**”. Os alunos estão familiarizados com as partes do livro, com exceção da lombada, que foi uma das partes que eles não conheciam ou demoraram a associar.

Nestas três questões que seguiram, sobre **encontrar definições nos dicionários, os diversos tipos de literatura e as partes de um livro**, os alunos mais uma vez se mostraram dispostos a pelo menos tentar responder. O fato de terem mencionado que já trabalharam com dicionários em sala de aula fez com que se sentissem seguros em afirmar a forma de utilizar a busca por verbetes. Já sobre os tipos de literatura, aconteceu de forma semelhante aos tipos de ficção. Os alunos basicamente compreendiam o que era, mas não sabiam expressar as suas respostas, e com muito incentivo da professora Cíntia ao

mostrar os livros e instiga-los a responderem é que foram surgindo as respostas, e os alunos começando a mostrar como entendem. Já nas partes do livro, os alunos sabiam de todas – com exceção da lombada – um dos alunos afirmou “essa é fácil” dizendo que é só observar o livro para perceber o que cada parte é. Essa segurança que eles possuem diz muito sobre o trabalho realizado na biblioteca e em sala de aula.

A sétima questão, relacionada às **habilidades de localização**, da segunda fase da primeira etapa, foi “**Você consegue localizar, com ajuda, materiais sobre determinado assunto na coleção geral?**”. O Sujeito 3 respondeu que “com ajuda da professora, sim!”, “é só olhar o nome da lombada e procurar” e “sem ajuda dela tem que ter tempo, mas eu acho”. Quando surgiu o assunto de achar sem a ajuda da professora o Sujeito 7 respondeu “eu não ligo muito para essas coisas, **eu sou burro**”. O Sujeito 4 então começa a relatar que quando foi na escola do filho, no primeiro dia de aula a professora mostrou a biblioteca para as mães, mostrando os livros, os livros todos sem identificação “eles não eram arrumadinhos assim que nem os da ‘profe’” e as mães podiam pegar livros para levar para casa para ler com os filhos. O Sujeito 4 ainda afirma que procurou, e achou um livro, porém não tinha nas estantes alguma identificação de gênero, de título, autor. Que é muito mais fácil achar organizado que nem na biblioteca do CMET do que “quando está tudo jogado na estante”. O Sujeito 7 que havia afirmado que era burro, disse que não saberia encontrar sozinho. Então foi dito a ele que talvez com tempo, e se olhasse bem toda a biblioteca ele encontraria uma forma de achar o livro procurado; então a confiança retornou e ele afirmou “ah, tu sabe ‘né’”. Já os alunos da T6, o Sujeito 1 responde “**tá muito claro, tá tudo escrito ali [nas estantes]**”. Quando comentado sobre encontrar os materiais sem a ajuda das professoras, as afirmações foram as mesmas da dos alunos de T3, que disseram que ia demorar mais, mas que encontrariam. O Sujeito 1 afirmou que é só se informar sobre o que é o material que é solicitado “**é só olhar, se for contos é só encontrar a prateleira que tem os contos e naquele lugar vai ter outros sobre o mesmo assunto**”. É perceptível que com ajuda das professoras os alunos se sentem muito mais confiantes na hora de encontrar algum material, e que quando os materiais estão organizados e dispostos de forma a compreender o que os

usuários necessitam, isso empodera os mesmos a descobrir e desbravar a biblioteca. É importante também conversar com os usuários que não se sentem confiantes para utilizar o espaço, realizar atividades para incentivar a busca de livros nas estantes, e prevenir que existam alunos que digam que são “burros” (a palavra *burro* faz referência à afirmação de um dos sujeitos no momento do grupo focal, e diz respeito a uma questão recorrente na EJA onde os indivíduos não se enxergam capazes de aprender).

A questão oito, relacionada às **habilidades de localização** da segunda fase da terceira etapa, dizia o seguinte “**você sabe localizar materiais nas estantes?**” Antes mesmo de realizar a oitava pergunta os alunos de ambas as turmas já haviam feito seus comentários sobre encontrar material nas estantes de forma independente. Como visto acima, alguns alunos não possuem a autoconfiança de que podem realizar esta tarefa, e acabam declarando com antecedência que não conseguem. Outros, já se sentem mais confiantes, já sabem como funciona e o porquê de ter identificações nas estantes, e conseguem facilmente encontrar uma obra solicitada, mesmo que demande um pouco mais de tempo.

A nona pergunta foi em relação às **habilidades de interpretação** da segunda fase da segunda etapa e a pergunta foi “**você consegue identificar o sumário?**” o Sujeito 3 da T3 afirmou “é aquela parte dos números, não é? Onde tem os números explicados, tem até número romano as vezes.” E o Sujeito 4 da T3 afirmou “é aquela parte onde tá explicado as partes, que vai dizer o que vai contar no livro.” Alguns alunos da T6 afirmaram que não sabiam o que era, outros deram palpites como “é a parte que vem na contracapa”, ou “é o índice”. Mas no geral, não souberam expressar ou responder adequadamente o que é um sumário. Os alunos de T3 possuíam um pouco mais de noção do que é o sumário para que ele serve, diferente dos alunos de T6 que não conseguiram definir.

A décima e última pergunta do questionário foi em relação às **habilidades de localização** da terceira fase da primeira etapa. A questão era “**você pode localizar informações sobre uma determinada pessoa?**”. Sujeito 3 da T3 disse “se a gente tiver o dia inteiro para achar essa criatura a gente encontra.” O Sujeito 4 afirmou “a professora coloca tudo explicadinho e organizado e a gente consegue achar”. O Sujeito 7 da T6 respondeu “se for sobre a segunda guerra

mundial, tem que ir na prateleira da guerra e procurar”. O Sujeito 8 afirmou que “se estiver tudo organizado é possível de achar” (se referindo às estantes). É notável que para os alunos a organização do espaço é tudo, a questão do tempo também influencia, dar tempo ao aluno para que ele se familiarize com a coleção é muito importante.

Nas últimas quatro questões, sobre **localização de materiais com ajuda das responsáveis, localização independente de materiais nas estantes, a localização do sumário e pesquisa sobre uma determinada pessoa**, houve um momento um pouco triste em que um aluno afirmou que não conseguiria localizar material nas estantes por ser burro. Neste aspecto é importante frisar o quanto é importante que os alunos sejam empoderados com a informação, e instigados a fazer uso da mesma. Saber utilizar os espaços aos quais tem direito permite que os alunos compreendam sua cidadania, e exercitem sua cidadania, ao saber que tem direito ao aprendizado e que podem e devem frequentar os ambientes informacionais. Um ponto bem forte em relação à localização de livros nas estantes é que muitos alunos afirmaram que as estantes são “organizadinhas” e com isso facilitam a busca e escolha dos livros. Isto só confirma a importância de um profissional (mesmo que em muitas escolas não haja a presença de um bibliotecário) que organize o espaço buscando atender as necessidades dos usuários e tornando acessível todos os materiais disponíveis, de forma que sejam fáceis de serem localizados. Os alunos possuem capacidade de realizar busca, localização e interpretação. Também sabem, do jeito deles, o que é e para que serve um sumário. E acima de tudo, sempre ressaltam que com **ajuda** eles conseguem acessar as informações a eles solicitadas.

Por fim, é perceptível que os alunos possuem habilidades informacionais, mesmo que básicas e não aprofundadas. A fala das professoras, bem como uma rápida visita à biblioteca, demonstrou a preocupação que as responsáveis possuem de tornar a biblioteca um lugar chamativo e disponível para ser usado. As professoras realizam hora do conto, fichas de leitura, um caderno onde anotam todas as dicas de livros que os alunos querem ler, tem dicas de livros disponíveis semanalmente e ainda a página do clube de leitura no facebook. São ações voltadas a chamar a atenção dos alunos e incentivá-los a vir e frequentar

a biblioteca. Ao explicar e conversar com as responsáveis pela biblioteca, foi possível entender que elas se preocupam com a individualidade de cada aluno, e tentam ensinar para que eles utilizem a biblioteca de forma independente. Elas ensinam algumas partes dos livros, incentivam eles a realizarem buscas dentro do ambiente, e ainda existem as professoras nas salas de aula que incentivam a pesquisa, fazendo os alunos buscarem material para realizar as atividades. Apesar de as questões apresentadas no grupo focal não representarem a totalidade do trabalho de Kuhlthau, elas foram escolhidas para que se adequassem ao perfil dos estudantes da instituição, e foram dispostas de forma a permitir um maior conforto para os alunos pensarem e responderem.

Compreender que os usuários possuem essas habilidades, mesmo que simples, é compreender que eles se enxergam no espaço da biblioteca. Perceber as partes em que eles mais hesitavam em responder faz com que seja possível elaborar um trabalho de educação destes usuários, para fortalecer e esclarecer as partes em que eles ainda não conseguem compreender ou se expressar com clareza.

Uma proposta para a melhoria das habilidades, bem como do desenvolvimento de novas habilidades dos alunos do CMET Paulo Freire, é a realização de estudos mais aprofundados sobre a obra de Kuhlthau para desenvolver alternativas à obra da autora. Uma vez que a obra desenvolvida fala especificamente da faixa etária de crianças frequentadoras do Ensino Fundamental na Educação Básica regular, o que poderia ser realizado de forma diferente, colocando seu enfoque nas diferentes séries e na compreensão de que dentro de cada série e etapa do ensino básico existem pessoas de diversas idades. E pensar também, em alternativas que contemplem o espaço da instituição, aliando o que já existe no acervo e no espaço escolar com o novo plano de atividades. É importante que profissionais habilitados realizem estes estudos, para poder analisar de fato quais os pontos fortes e fracos no desenvolvimento das habilidades dos indivíduos da escola.

Assim que estes estudos forem realizados, e que os resultados possam ser utilizados para o desenvolvimento de ações, é importante que sejam pensados programas de educação de usuários para que as habilidades venham a ser **exercitadas** na sua totalidade. As oficinas realizadas e ações na biblioteca

já fazem diferença na vida dos usuários, e mesmo que não possuam funcionários o suficiente, a biblioteca ainda encontra saídas para fazer com que seus alunos estejam engajados nas mais diversas atividades que incentivem o desenvolvimento de habilidades de localização e interpretação. A biblioteca ainda encontra forças para atuar, mesmo que nas atuais condições, e esse aspecto demonstra que caso possuísse profissionais habilitados e uma análise e um estudo minucioso das atuais necessidades dos usuários, o potencial para influenciar positivamente na vida de toda comunidade escolar seria grande.

5 CONCLUSÃO

A realização deste trabalho surgiu de um desconforto ao perceber que diversos livros sobre bibliotecas escolares, e diversos trabalhos sobre competência informacional, não falam sobre a modalidade de ensino de EJA. A educação de jovens e adultos precisa de maior visibilidade, e a realização de um trabalho que fale, tanto da EJA, quanto de competência informacional, permite que essas duas áreas sejam exploradas e recebam atenção. Este estudo buscou identificar como a biblioteca escolar Carla Timmers Dias, no seu papel de agente integradora, contribui para a competência e o letramento informacional dos estudantes do CMET Paulo Freire. Buscou também analisar as competências informacionais da teoria de Carol Kuhlthau e quais ações elaboradas pela biblioteca contribuem para o enriquecimento das competências dentro da instituição. E verificar se os/as responsáveis pela biblioteca Carla Timmers Dias reconhecem a importância da competência e do letramento informacional dos usuários.

Analisando em primeiro momento, se as responsáveis pela biblioteca reconheciam a importância da competência e do letramento informacional dos usuários, as respostas foram favoráveis e positivas. Apesar de não possuírem formação acadêmica como bibliotecárias, as pedagogas se dedicaram a atender os usuários da melhor forma e incentivar o uso independente e seguro da biblioteca. Com o desenvolvimento de ações de contação de histórias e trabalhando com os minicontos, a biblioteca torna-se chamativa e atrai leitores dispostos a utilizar o ambiente informacional.

No momento da conversa com as responsáveis foi possível observar a relação que os usuários possuem com as mesmas, e a forma como eles são atendidos. Em todos os momentos as responsáveis instruíram os usuários de forma a permitir uma independência no uso da biblioteca e um incentivo a desenvolver competências informacionais. Elas também reconhecem que a biblioteca tem muita influência no desenvolvimento de competências informacionais, e que essas competências afetam positivamente a vida de seus usuários, pois permite que eles se sintam seguros para frequentar outros

espaços, uma vez que foram incentivados e acolhidos dentro da própria biblioteca. A biblioteca, em conjunto com a educação também pode promover a igualdade social, uma vez que é trabalhado sempre o respeito às diferenças e a inserção da diversidade no ambiente escolar.

Ao analisar os resultados obtidos através da realização do grupo focal, pôde se perceber que apesar de não existir um estudo de usuários na instituição (pela falta de um profissional bibliotecário), os alunos são incentivados a conhecer aspectos importantes da biblioteca, e são encorajados a conhecer as partes de um livro, a procurar livros nas estantes com ou sem ajuda, a reconhecer os diferentes tipos de ficção e de literatura. As turmas T3 e T6 apesar de corresponderem a anos diferentes na educação básica, se mostraram semelhantes nas respostas das questões dos grupos focais. Assim, é possível perceber que os professores, juntamente com as professoras responsáveis pela biblioteca se atentam a instruir os alunos para o uso da biblioteca e o conhecimento do espaço e dos livros do acervo. Em diversas falas os estudantes afirmaram que conseguem encontrar materiais no acervo com a ajuda das professoras, e ressaltaram o quanto é importante a biblioteca estar organizada e bem sinalizada.

Apesar do trabalho não contemplar todas as competências e habilidades elaboradas pela obra de Kuhlthau, as habilidades escolhidas para realizar o trabalho e a análise demonstraram que os alunos, na maioria das vezes, possuem habilidades vitais para a utilização da biblioteca. Não foi utilizada toda a lista de habilidades pois na biblioteca, por exemplo, os livros não são catalogados a partir da Classificação Decimal de Dewey e nem da Classificação Decimal Universal. E a biblioteca também não possui computadores, que ficam em uma sala de informática localizada em outro andar do prédio. Entretanto, comparando com as competências abordadas na obra de Kuhlthau, em relação às habilidades de localização e interpretação, foi possível perceber que os alunos, mesmo que de forma inicial e simples, possuem tais habilidades. Apesar de não saberem pontuar ou definir o que é ficção, biografia e literatura, eles compreendem no geral o que cada termo significa e aborda. O uso do dicionário é muito presente, e eles entendem de forma integral como utilizá-lo. A presença das professoras também demonstra a segurança que elas

passam aos alunos, e que o ambiente organizado permite que eles se sintam mais confortáveis para buscar materiais. Ainda assim, de todos os alunos que se dispuseram a participar do grupo, poucos foram os que participaram ativamente respondendo às perguntas. Na gravação, é possível ouvir em vários momentos cochichos de alunos envergonhados afirmando “eu não sei o que é isto”. É necessário trabalhar a autoestima dos usuários, mostrar a eles que não é necessário ter vergonha ou se considerar *burro* por não saber algo. Aprender produz empoderamento nos usuários, e permite que, aprendendo a utilizar espaços e informações que a eles são dispostos por direito, possam compreender que podem e devem ter voz na sociedade.

Seria ideal se a biblioteca dispusesse de pessoal para trabalhar, pois apenas duas professoras responsáveis pela biblioteca, em algumas vezes não conseguem contemplar os três turnos os quais a escola funciona. Se houvessem bibliotecários qualificados para exercer a função, certamente haveriam mais ações para desenvolver as habilidades informacionais e letrar os seus usuários. Mesmo sem dispor de bibliotecários, as professoras se esforçam para realizar muito mais do que apenas empréstimos, e compreendendo a forma de aprendizagem dos alunos, conseguem trabalhar com eles questões sobre os livros e até desenvolver ações para incentivar os alunos a frequentarem a biblioteca e passarem a realizar mais leituras.

Uma sugestão para a melhoria e desenvolvimento das habilidades dos alunos é a realização de estudos (com profissionais habilitados) para verificar as outras áreas e habilidades os quais os estudantes são capacitados ou não, e desenvolver programas de educação de usuários para que essas habilidades venham a ser exercitadas na sua totalidade. As oficinas realizadas e ações na biblioteca já fazem uma diferença na vida dos usuários, mesmo que com pessoal reduzido, a biblioteca ainda encontra saídas para fazer com que seus alunos estejam engajados nas mais diversas atividades que incentivem o desenvolvimento de habilidades de localização e interpretação. Se, na atual conjuntura a biblioteca ainda encontra forças para atuar, caso possuísse profissionais habilitados e uma análise minuciosa das necessidades dos usuários, a biblioteca teria potencial para influenciar positivamente na vida de todos os seus usuários e alunos.

REFERÊNCIAS

AVILA, Magda de Souza. **BIBLIOTECAS ESCOLARES:** a percepção dos gestores escolares em relação às bibliotecas no município de Gravataí-RS. 2012. 96 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54268/000855799.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

BALSANELLI, Álice Paula. **Aprendizagem de jovens e adultos: a aprendizagem a seu tempo.** 2012. 11 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicopedagogia, Centro Universitário Leonardo da Vinci, Indaial, 2012. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1285643/mod_resource/content/0/Aprendizagem%20jovens%20e%20adultos%1.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Carlos Roberto Jamil Cury (relator). **Parecer CEB11/2000** - Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 nov. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento Informacional:** Função educativa do Bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. (Coleção Biblioteca Escolar).

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

FRANÇA, Laiz Aparecida Lataliza. **Evasão Escolar na Educação de Jovens e Adultos**. 2015. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Pará de Minas, Pará de Minas, 2015. Cap. 4. Disponível em: <http://fapam.web797.kingghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/18072016193025Laiz_Revisada.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editores Associados/Cortez Editora. 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://www.urca.br/itec/images/pdfs/modulo_v_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 28 mai. 2018.

IFLA; UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**, 1999. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em 25 mai. 2018.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de

Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/103.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2018.

KUHLTHAU, Carol Collier. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MACEDO, Neusa Dias. **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac, Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª. Região, 2005.

MORGAN, David L. **Focus Groups as Qualitative Research**. 2. ed. Londres: Sage Publications, 1997. (Qualitative Research Methods). Disponível em: <<https://www.kth.se/social/upload/6566/Morgan.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MORO, Eliane L. S. **Biblioteca escolar**: presente! Porto Alegre: Evangraf, 2011.
PELISSARO, Regina Dioga. **DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES INFORMACIONAIS**: Um estudo das atividades de educação de usuários aplicadas na Biblioteca do Colégio Israelita. 2012. 107 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PIERRO, Maria Clara di; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, [s.l.], v. 21, n. 55, p.58-77, nov. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622001000300005>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

VILELA, Raquel Miranda. **BIBLIOTECA ESCOLAR E EJA: CAMINHOS E DESCAMINHOS**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-7X9JM8/raquel_miranda_vilela.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 jan. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. 290 p.

APÊNDICE A – QUESTÕES APRESENTADAS ÀS RESPONSÁVEIS PELA BIBLIOTECA

DADOS PESSOAIS

Pergunta 1 – Nome?

Pergunta 2 – Idade?

Pergunta 3 – Qual a sua formação?

Pergunta 4 – Caso você tenha concluído o ensino superior, você é graduado em qual curso?

OBJETIVOS DE PESQUISA

Pergunta 1 – Quais são, atualmente, as ações desenvolvidas pela biblioteca do CMET Paulo Freire?

Pergunta 2 – Dentre as ações desenvolvidas, quais delas são dirigidas aos alunos da Educação de Jovens e Adultos para ações de letramento informacional?

Pergunta 3 – Você acredita que a biblioteca contribui para a competência e o letramento informacional de seus usuários? Se sim, de que forma, a biblioteca contribui para a competência e o letramento informacional de seus usuários?

Pergunta 4 – Quais ações da biblioteca são voltadas para a inserção dos alunos no mercado de trabalho?

Pergunta 5 – Para você, qual o papel da educação na promoção da igualdade / inclusão social?

Pergunta 6 – Qual a relevância da Educação de Jovens e Adultos para a sociedade?

Pergunta 7 – De que forma você acredita que a competência informacional e o letramento informacional afetam a vida dos seus usuários?

Pergunta 8 – Na sua opinião, você acredita que a educação é instrumento de promoção de igualdade social?

Pergunta 9 – E qual a importância da biblioteca escolar para os alunos da Educação de Jovens e Adultos?

APÊNDICE B – QUESTÕES AO GRUPO FOCAL (INSTRUMENTO DA PESQUISA)

Pergunta 1 – Você sabe a diferença entre ficção e não-ficção? (Fase II – 3ª etapa [9 anos])

Pergunta 2 – Você sabe definir uma biografia? (Fase II – 3ª etapa [9 anos])

Pergunta 3 – Você conhece os vários tipos de ficção? Como por exemplo, científica, realista, mistério, histórica, fantasia. (Fase II – 4ª etapa [10 anos])

Pergunta 4 – Você sabe encontrar definições em um dicionário? (Fase II – 4ª etapa [10 anos])

Pergunta 5 – Você compreende que existem várias formas de literatura? (fase II – 1ª etapa [7 anos])

Pergunta 6 – Você sabe identificar a capa, a lombada, o título, o autor e a folha de rosto de um livro? Se sim, quais dos itens acima você sabe identificar? (fase II – 1ª etapa [7 anos])

Pergunta 7 – Você consegue localizar, com ajuda, materiais sobre determinado assunto na coleção geral? (Fase II – 1ª etapa [7anos])

Pergunta 8 – Você sabe localizar materiais nas estantes? (fase II – 3ª etapa [9 anos])

Pergunta 9 – Você consegue identificar o sumário? (fase II – 2ª etapa [8 anos])

Pergunta 10 – Você pode localizar informações sobre uma determinada pessoa? (fase III – 1ª etapa [11 a 12 anos])

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A informação é direito de todos os cidadãos. Saber que a informação está disponível e pode ser utilizada por todos, faz parte do exercício da cidadania. A competência informacional, ou seja, a capacidade de utilizar com autonomia um espaço informacional (neste caso, a biblioteca), é um assunto pertinente na área da biblioteconomia, e conseqüentemente da pedagogia, pois influencia a aprendizagem e compreensão dos alunos e a forma com que eles utilizam as informações adquiridas diariamente. Na Educação de Jovens e Adultos, não seria diferente. A presente pesquisa contempla o Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS) e se propõe a dialogar e fazer a aplicação de um pequeno questionário à(os) responsáveis pela biblioteca do Centro Municipal de Educação de Trabalhadores Paulo Freire de Porto Alegre e aos alunos de T3 e T6 (noite). Pretende-se analisar *de que forma a biblioteca da instituição atua para contribuir com a competência e o letramento informacional de seus usuários?*

Para este fim, os sujeitos serão brevemente entrevistados. As informações e dados individuais estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados ou utilizados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação deste trabalho, se assim preferirem. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete nenhum tipo de prejuízo.

Os pesquisadores responsáveis por este trabalho são a aluna Thayná dos Santos Martinez (Graduanda em Biblioteconomia pela FABICO/UFRGS) e o professor Evandro Alves (FACED/UFRGS) que se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051)996606869 ou pelo e-mail martinezthayna@gmail.com. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas,

Eu,
manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para a
realização da pesquisa descrita acima.

Assinatura do participante

Thayná dos Santos Martinez